



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Luziana Lourenço Moreira

**O USO DA IMAGEM VISUAL COMO INCENTIVO À LEITURA
EM BIBLIOTECA ESCOLAR**

Fortaleza

2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Luziana Lourenço Moreira

**O USO DA IMAGEM VISUAL NO INCENTIVO À LEITURA EM
BIBLIOTECA ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^ª.Dra. Virginia Bentes Pinto

Fortaleza

2008

M835u

Moreira, Luziana Lourenço.

O uso da imagem visual no incentivo a leitura em biblioteca escolar/
Luziana Lourenço Moreira. – 2008.

125 f. : il. ; 31 cm.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de
Humanidades, Departamento de Ciências da Informação, Curso de Biblio-
teconomia, Fortaleza (CE), 20/06/2008.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Virginia Bentes Pinto.

1-IMAGEM VISUAL. 2-LEITURA .3-BIBLIOTECA ESCOLAR.

I- Pinto, Virginia Bentes, orientadora. II-Universidade Federal do Ceará. III- Título.

CDD 372.4200222

Luziana Lourenço Moreira

O USO DA IMAGEM VISUAL COMO INCENTIVO
À LEITURA EM BIBLIOTECA ESCOLAR

Monografia submetida à avaliação no curso de Biblioteconomia, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e coloca-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Ciências Humanas da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Profa. Dra. Virgínia Bentes Pinto
(Orientadora)

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa - UFC
(1º Examinador)

Profa. Dr. Ana Maria Sá de Carvalho - UFC
(2º Examinador)

Fortaleza
2008

A criança não sabe senão viver a sua infância. Conhecê-la pertence ao adulto. Mas o que é que vai prevalecer neste conhecimento: o ponto de vista do adulto ou o da criança?

Henri Wallon

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha base e refúgio certo em todos os momentos da minha vida.

A minha família, papai, mamãe e minhas irmãs Luciana e Tatiana que sempre estão a meu lado, oferecendo amor e apoio para que meus objetivos sejam alcançados que me ensinaram os valores da vida e que me apoiaram em todas minhas decisões, mesmo nas erradas, pois sempre confiaram na minha sabedoria e sabiam que quando eu errasse saberia como reconhecer meu erro e voltar atrás antes que o pior acontecesse, obrigada por sempre me apoiarem e acreditarem em mim.

A Minha orientadora professora Virginia Bentes Pinto, pelo carinho e parceria profissional e por acreditar sempre na realização desse trabalho.

A minha tia e madrinha de batismo, Rosana Moreira, que contribuiu bastante para que eu desenvolvesse o gosto pela leitura ao me presentear com livros ilustrados, e ao meu tio e padrinho de crisma, o tio Milton, que sempre me presenteou com revistas em quadrinhos durante minha infância, e em especial quando ele me presenteou ao quatro anos de idade com a coleção das revistinhas em quadrinhos da Turma da Mônica. Esse presente ficou e ficará marcado durante minha vida, pois foi através desses quadrinhos que aprendi a decodificar as letras.

A diretoria e funcionários da Escola Municipal Francisca Fernandes Magalhães que permitiram e apoiaram a realização da pesquisa na biblioteca da escola.

Ao Carlos Magno e família que me apoiaram antes mesmo de entrar na faculdade e durante toda a conclusão do curso de Biblioteconomia.

Ao amigo Gláucio Lima Barreto, que foi à primeira pessoa que me ajudou na faculdade, que me orientou, me incentivou e me fez uma amante da profissão, me ensinou a ser o que é uma estudante com compromisso no que faz e como eu sempre disse e digo a ele “quando eu crescer eu vou ser igual a você”, obrigada pelas longas conversas inspiradoras.

Aos colegas e amigos do curso de Biblioteconomia, em especial as minhas amigas Karolina Félix, Juliana Gomes e Débora Maria, que me apoiaram e consolaram nos momentos de angústia e desilusão.

Aos professores que contribuíram e me apoiaram durante o curso, que me ensinaram a compreender parte do universo infinito que é a Biblioteconomia.

A todos os amigos da Biblioteca de Ciências Humanas, Diretora da Biblioteca (Dona Beth), ao meu parceiro do setor de restauração (Pedro Paula), aos Bibliotecários, em especial ao Ericson Viana, aos funcionários da casa, aos terceirizados Glauber e Nazareno, aos faxineiros, carinhosamente a Dona Nelma que me ouviu e me orientou nas situações difíceis da vida e aos porteiros que sempre estavam a levantar meu astral.

Aos colaboradores da TV Cidade, em especial a Célia Mesquita e Francilene Simões, pela amizade, força e incentivo.

E em especial para mim, que consegui superar os desafios, os bloqueios e por nunca ter desistido do meu objetivo da pesquisa.

RESUMO

Observando as manchetes sobre o tema leitura no Brasil, detectamos dados alarmantes relacionados ao analfabetismo e a falta de compreensão da leitura de textos verbais, cuja ênfase tem se concretizado na decifração dos códigos lingüísticos sem que seja levada em conta a construção de sentidos. Pesquisas mostram que o uso de imagens visuais como incentivo à leitura têm contribuído sobremaneira para desenvolver o gosto por essa atividade. Em razão disso, percebemos a necessidade de desenvolver ações que venham contribuir para minimizar esse fato. Nesse sentido, entendemos que, não apenas os textos verbais devem ser utilizados como ferramentas de incentivo a leitura em bibliotecas escolares, porém, também, os textos não-verbais, a exemplo das imagens visuais, pois, através deles as crianças podem vir a construir seus discursos dando sentido a esses textos. É nessa perspectiva que desenvolvemos esta pesquisa com vistas à elaboração da monografia de conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Para a concretização dessa pesquisa, partimos dos seguintes questionamentos: qual é a contribuição das imagens visuais como fonte de incentivo à leitura em bibliotecas escolares? Os livros ilustrados são os preferidos pelas crianças no ato do início da leitura? O objetivo geral é estudar o papel que as imagens visuais desempenham como ferramentas de incentivo à leitura em bibliotecas escolares de Fortaleza visando a aprendizagem da leitura. Como objetivo específico buscamos: investigar a contribuição da biblioteca escolar para o incentivo à leitura a partir das imagens feitas pelos próprios alunos, fotografias dos alunos, imagens visuais que retratem a realidade a qual os alunos estiverem ou estão inseridos, a fim de estimular a leitura incentivando o aluno a pensar, a entender a informação transmitida pela imagem e a criar histórias a partir dessas imagens ; investigar o papel do bibliotecário como incentivador do gosto pela leitura. A metodologia norteadora desta pesquisa contempla os estudos exploratórios iniciando-se com a pesquisa bibliográfica e documental para avançarmos nossos conhecimentos sobre o tema em estudo. O método adotado foi o construtivista e as experiências foram feitas na biblioteca escolar de uma escola pública de Fortaleza utilizando-se imagens visuais mostradas as crianças a fim de que elas lessem tais imagens e expressassem suas impressões sobre elas. Também, foi solicitada a elas que construíssem suas imagens, contassem histórias sobre tais imagens. Outras técnicas de coletas de dados foram à entrevista estruturada e a observação. Os resultados comprovaram as teorias estudadas, mostrando que através de uma ação pedagógica dos bibliotecários utilizando imagens visuais como incentivo à leitura é possível desenvolver o gosto por essa atividade.

Palavras-chave: Imagem Visual. Leitura. Biblioteca Escolar. Bibliotecário Escolar. Educação.

LE RÉSUMÉ

Notant les titres lecture sur le sujet au Brésil, a trouvé inquiétant données relatives à l'analphabétisme et le manque de compréhension de la lecture de textes verbale, dont l'accent a été réalisé à déchiffrer les codes de langue sans être pris en compte la construction de moyens. Les sondages montrent que l'utilisation d'images comme une incitation à la lecture ont considérablement contribué à développer un goût pour cette activité. De ce fait, comprendre la nécessité de développer des actions qui permettront de minimiser ce fait. En conséquence, nous pensons que non seulement verbale textes devraient être utilisés comme des outils pour encourager la lecture dans les bibliothèques scolaires, mais aussi la non-verbale des textes, l'exemple des images, parce que, à travers eux, les enfants peuvent venir à construire ses discours donnant effet à ces textes. C'est cette perspective que nous avons développé cette recherche en vue de l'élaboration de la monographie d'achèvement du cours universitaire en bibliothéconomie de l'Université fédérale de Ceara. La réalisation de cette recherche, à partir des questions suivantes: Quelle est la contribution d'images comme une source d'encouragement de la lecture dans les bibliothèques scolaires? Les livres d'images sont préférés par les enfants dans l'acte de lecture dès le début? L'objectif général est d'étudier le rôle que jouent les images comme des outils pour encourager la lecture dans les bibliothèques scolaires de Fortaleza visant à l'apprentissage de la lecture. Comment chercher objectif spécifique: enquêter sur la contribution de la bibliothèque scolaire pour encourager la lecture à partir des images faites par les étudiants eux-mêmes, des photographies d'étudiants, les images que retratent la réalité que les étudiants sont ou inséré afin de favoriser la lecture encourager les élèves à réfléchir, à comprendre l'information véhiculée par l'image et de créer des histoires de ces images; enquêter sur le rôle du bibliothécaire comme incitation goût pour la lecture. La méthodologie de cette recherche comprend les directeurs des études exploratoires de départ avec la littérature de recherche documentaire et à déplacer nos connaissances sur le sujet dans les offres. La méthode adoptée a été la constructiviste et d'expériences ont été faites dans la bibliothèque de l'école à l'école publique une forteresse de l'aide de Visual images montrées à des enfants afin qu'ils lire ces images et d'exprimer leurs vues à leur sujet. Aussi, ils ont été invités à construire leurs images comptait que des histoires à propos de ces images. D'autres techniques de collecte des données a été structurée de l'entretien et l'observation. Les résultats ont confirmé les théories étudiées, montrant que l'action à travers une éducation des bibliothécaires en utilisant les images comme une incitation à la lecture est possible de développer un goût pour cette activité.

Mots-clés: image visuelle. De lecture. Bibliothèque scolaire. Bibliothécaire de l'école. L'éducation.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

| Nº | Descrição | Pág. |
|-----------|--|------|
| Figura 01 | Pintura da 1ª missa realizada no Brasil, concluída por Victor Magalhães (1832 – 1902). | 20 |
| Figura 02 | Fotos tiradas por Luziana Lourenço, da Biblioteca da escola Francisca Fernandes Magalhães tiradas por Luziana Lourenço Moreira no dia 22 de abril de 2008. | 39 |
| Figura 03 | Livros ilustrados abertos sobre a mesa. | 49 |
| Figura 04 | Armários com colagens de recortes de imagens. | 51 |
| Figura 05 | Desenhos feitos pelas crianças do quarto ano do ensino fundamental. | 53 |
| Figura 06 | Desenhos feitos pelas crianças do quarto ano do ensino fundamental. | 53 |
| Figura 07 | Desenhos feitos pelas crianças do quarto ano do ensino fundamental. | 54 |
| Figura 08 | Desenhos relacionados ao futebol, feitos pelas crianças do quarto ano do ensino fundamental. | 54 |
| Figura 09 | Desenhos de coração feitos por uma criança do quarto ano do ensino fundamental. | 56 |
| Figura 10 | Desenhos feitos pelas crianças do quarto ano do ensino fundamental do livro Caderno de Segredos. | 57 |
| Figura 11 | Gráfico relacionado ao resultado dos tipos de desenhos de alunos em abril de 2008. | 58 |
| Figura 12 | Colagem de recortes feitos pelas crianças | 59 |
| Figura 13 | História-desenho de colagem de recortes feito por crianças. | 60 |
| Figura 14 | História-desenho de colagem de recortes feito por uma criança. | 60 |
| Figura 15 | Foto tirada por Luziana Lourenço em 2008, das crianças desenvolvendo atividades. | 61 |
| Figura 16 | Pichações. | 62 |
| Figura 17 | Foto tirada por Luziana Lourenço em 2008, de crianças que fizeram as pichações e contaram histórias. | 63 |
| Figura 18 | História contada a partir de fotografias das crianças. | 64 |

| Nº | Descrição | Pág. |
|-----------|---|-------------|
| Figura 19 | História contada a partir de fotografias das crianças. | 65 |
| Figura 20 | Fotos tiradas por Luziana Lourenço em abril de 2008 no momento que as crianças estavam fazendo histórias de suas fotografias. | 66 |
| Figura 21 | Fotos tiradas por Luziana Lourenço em abril de 2008 no momento do cadastro dos alunos e empréstimo dos livros. | 67 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| AGRADECIMENTO | 06 |
| LISTA DE ILUSTRAÇÃO | 10 |
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 USO DA IMAGEM NO INCENTIVO À LEITURA EM BIBLIOTECA ESCOLAR | 17 |
| 2.1 Contextualizando a imagem visual ao longo do tempo | 17 |
| 2.1.1 o uso da imagem visual em algumas áreas de saberes..... | 21 |
| 2.2 O uso da imagem visual no incentivo a leitura em Biblioteca Escolar | 24 |
| 2.2.1 Considerações sobre a Biblioteca Escolar..... | 25 |
| 2.2.2 O Bibliotecário escolar na mediação da imagem no incentivo a leitura..... | 27 |
| 2.2.3 A contribuição do usuário para o incentivo à leitura em Biblioteca Escolar | 32 |
| 3 METODOLOGIA | 35 |
| 3.1 Estudo de caso (Biblioteca Escolar) | 37 |
| 3.2 Relato de Experiência | 39 |
| 4 TRATAMENTO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 43 |
| 4.1 Entrevista | 43 |
| 4.2 Análise dos experimentos e observação | 48 |
| 5 RESULTADOS SOBRE A PESQUISA | 69 |
| REFERÊNCIA | 73 |
| APÊNDICE | 78 |

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, as manchetes sobre o tema leitura não são nada animadoras, uma vez que tocam sempre na mesma “tecla”: analfabetismo e falta de compreensão da leitura de textos verbais, cuja leitura se concretiza apenas pela decifração dos códigos lingüísticos. Observando esses dois fatores, percebe-se que é necessário desenvolver ações para diminuir essa realidade, e, futuramente, eliminar o analfabetismo, elevando o nível da população brasileira, para que o Brasil possa ser incluído no rol dos países desenvolvidos.

Ora, para se chegar ao desenvolvimento, é preciso, além de outros fatores, ter acesso à informação e ao conhecimento. A biblioteca pela sua própria natureza, seria o espaço ideal para se encontrar informações que, deveriam estar disponíveis para qualquer classe social, a fim de alavancar o conhecimento e favorecer o entendimento do mundo que nos cerca. Contudo, o que se constata, é que esse espaço, desde a sua origem, esteve sempre voltado, muito mais para a elite, para os estudiosos e pesquisadores, do que para a população de um modo geral. Mesmo com a evolução das bibliotecas, e da expansão do significado de seu conceito, a situação da maioria, no que se refere ao acesso, resume-se a seguinte condição: “biblioteca restrita a intelectuais”. No caso brasileiro, percebe-se tanto na literatura concernente ao assunto e também em nossas observações empíricas, que a “grande massa da população” constituída de cidadãos comuns, cujo nível socioeconômico não oferece as condições mínimas para acessar informações, fica excluída desse espaço e do “mundo da informação”. São pessoas que não dispõem de condições financeiras e socioculturais para acessar a Internet, ou ainda para a compra de livros e revistas, ou pagar canais de assinatura e outros meios, mesmo que disponham de aparelhos de televisão e rádios em suas casas.

Em nossas andanças pelas bibliotecas escolares, desde quando estávamos cursando o ensino fundamental e médio, percebemos que essas bibliotecas, que deveriam oferecer todo suporte para as leituras, ser um espaço de interação dos alunos, pesquisa e lazer, não está exercendo o seu papel. E, no caso das Escolas Públicas no Ceará, a maioria delas não possui bibliotecas escolares e quando as têm vivem fechadas, principalmente nos

intervalos das aulas. Essa realidade faz com que a biblioteca escolar não seja reconhecida nem pelos professores, muito menos pelos alunos, sendo, portanto, alheia ao ambiente escolar e, conseqüentemente, não se percebe como importante para essa comunidade.

Em 2006, na Semana de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), teve como tema “Cada escola uma biblioteca, Cada biblioteca um bibliotecário”. Durante aquela semana foi questionada a situação atual da biblioteca escolar. Os inúmeros debates se concentraram, principalmente, sobre a nomenclatura que o governo criou para as bibliotecas de escolas públicas, denominando-as de “Salas de Múltiplos” ou “Salas de Leitura”. O profissional que atua nessas salas é, normalmente, um professor que enfrenta, principalmente, problemas fonoaudiológicos que os impede de continuar em regência de classe. Diante desse fato, percebe-se que a situação em que as bibliotecas escolares se encontram é motivo de grandes preocupações para toda a sociedade, pois é nessas bibliotecas, que o indivíduo tem a possibilidade de encontrar as informações necessárias tanto para dar suporte aos trabalhos escolares como para a sua vida social.

Mesmo com todos esses problemas, algumas bibliotecas vêm desenvolvendo projetos sociais surpreendentes e os resultados são impressionantes. Como exemplo, citamos a pesquisa desenvolvida por Fernanda Mecking Arantes e Ângela Maria Tomazelli, divulgada nos Ensaio da APB (Associação Paulista de Bibliotecários, n. 11 de 1994) com o tema “Criança de periferia não lê: Desmistificação”. Nas ações desse projeto, foi observado que as crianças sentem um grande interesse pelos desenhos e escolheram as histórias em quadrinhos como leitura preferida, todas as crianças que freqüentavam as bibliotecas escolares pesquisadas na periferia de São Paulo relataram que iam as bibliotecas porque sentiam vontade e gostavam de ler as histórias lá existentes. Nessa pesquisa, também observamos o interesse que as crianças demonstraram pelas imagens visuais, como ferramenta de incentivo a leitura.

Observando esse fato, nota-se a necessidade de haver maior interação entre a biblioteca escolar e a sua população alvo, implicando na desmistificação do espaço. É preciso que sejam feitas atividades que tornem a biblioteca escolar ativa para a sociedade, com outras palavras é necessário que seja feita a dinamização do acervo não apenas dessas bibliotecas, porém, iniciando por elas, afinal o início da educação básica também deve se

efetivar nesse espaço. Nesse sentido, Nanci Gonçalves da Nóbrega (2002, p. 82) propõem pensar um acervo como um lugar de onde se constrói a democratização do acesso aos saberes; onde a comunicação seja argamassa, além de produtos. Justamente por isso é que esta autora percebe que o acervo não se constitui apenas como “lugares de memórias”, porém, representam signos. Nesse sentido, é necessários o agir comunicativo e a ação como tessitura da dinamização dos acervos, compreendendo as necessidades dos usuários, por isso o bibliotecário precisa ser mais flexível e conseqüentemente estar administrando melhor o seu preconceito com relação à compreensão do que seja a biblioteca escolar.

Diante dessas reflexões pensamos o objeto desse estudo a partir dos seguintes questionamentos: Qual é a contribuição das imagens visuais como incentivo à leitura em bibliotecas escolares? Como dinamizar e fazer com que o acervo constituído de imagens possa atrair os usuários? O uso das imagens visuais atrairia os alunos à biblioteca escolar? De que maneira as dinâmicas propostas para a criação de textos verbais a partir das fotografias das crianças podem contribuir para o incentivo à leitura? Qual é a contribuição que os desenhos livres feitos pelos alunos instigam o gosto pela leitura? Qual é a contribuição das histórias construídas pelas crianças, a partir de suas fotografias, para a inserção da biblioteca escolar no seu cotidiano?

A justificativa da escolha desse tema é motivada pela minha história de vida, pois quando tinha quatro anos de idade ganhei uma coleção de revistinhas em quadrinhos da Turma da Mônica. Eu fiquei encantada com o presente. Li todas as histórias para minha mãe, deixando-a surpresa, afinal é de se espantar que uma criança de quatro anos saiba ler. Porém, o que eu lia não eram palavras, e sim os desenhos, neles eu usava minha imaginação e criava várias histórias. Meus familiares observaram meu interesse pelos livros e passaram a me presentear com livros ilustrados, o que me deixava cada vez mais fascinada. Encantei-me pelas figuras (desenhos) e depois pelas figuras das letras, despertando o gosto pela leitura. A pesquisa de Arantes e Tomazelli (1994), também mostra o interesse pela leitura de crianças e corrobora com a vivência da minha vida perante a descoberta da leitura. A experiência dessas pesquisadoras com crianças da periferia de São Paulo demonstra que elas têm grande interesse pelos desenhos e escolheram as histórias em quadrinhos como leituras preferidas.

Quando eu era estudante do ensino fundamental e médio e, em conversas informais com minhas colegas também observei, que elas gostavam de ler e que, desenvolveram o gosto pela leitura através de livros ilustrados e histórias em quadrinhos. Porém, o acesso a esse tipo de material era restrito, pois, muito raramente eram encontrados nas chamadas “salas de leituras” de nossas escolas. Então, a solução era comprar ou pedir emprestado aos colegas, fora da escola, afinal a leitura em quadrinhos, não era percebida com “bons olhos” nesse ambiente. Em uma certa tarde ao debatermos sobre a infância, sentimos saudades daquele tempo. Tempo de livros bonitos, repletos de figuras, e as histórias em quadrinhos. Nos reunimos e fomos atrás da biblioteca da escola pegar essas fontes, entretanto, nada foi encontrado na biblioteca que chamasse a nossa atenção. Naquele momento, perguntamos, informalmente, a “tia” da biblioteca se tinha histórias em quadrinhos, ela respondeu que esse tipo de leitura não servia para ser utilizado nas aulas. Então, compreendi que esse material, não fazia parte do acervo da biblioteca. Naquela época não sabíamos qual era o papel da biblioteca, acreditávamos que freqüentávamos esse espaço somente para fazer pesquisas (pescópias, como diz a professora Virginia Bentes), devido à explicação da “tia”. Esse acontecimento nos levou a pensar como seria bom que no horário do intervalo (recreio) ou depois da aula pudéssemos ir à biblioteca para ler historinhas ou fazer outras coisas.

No momento de decidir qual curso fazer na faculdade optei por Biblioteconomia, com a idéia de trabalhar no sentido de mostrar o real papel da biblioteca escolar. Mostrar para a sociedade que ler significa se tornar informado e ativo na sociedade. Quando ingressei nesse curso, conheci a grade curricular, o que era a Biblioteconomia e qual o papel do Bibliotecário. Com essas descobertas me identifiquei com o curso e decidi que a minha monografia de conclusão e os projetos a serem realizados seriam voltados para o incentivo à leitura em bibliotecas escolares através de imagens, afinal, no começo das civilizações os homens transmitiam seus conhecimentos e os liam através de imagens, então, porque não tentar começar tudo de novo, atrair o público para as bibliotecas através de imagens?

Visando encontrar respostas para essas questões, definimos como objetivo geral deste estudo, analisar a contribuição das imagens visuais como incentivo à leitura em

bibliotecas escolares de Fortaleza, assim como a importância dessas imagens no processo de aprendizagem da leitura. Como objetivos específicos buscamos: a) analisar se a contribuição das histórias construídas pelas crianças, a partir de suas fotografias, favorece a inserção da biblioteca escolar no seu cotidiano; b) analisar a contribuição da biblioteca escolar para o incentivo à leitura a partir de imagens construídas pelos próprios alunos sobre as ofertas de leituras feitas na biblioteca; c) analisar a contribuição das imagens visuais como incentivo ao gosto pela leitura, uma vez que elas levam o aluno a pensar e a construir suas próprias histórias.

Esta monografia está estruturada em cinco capítulos. O primeiro capítulo traz a introdução, ao qual consta como surgiu o tema da monografia, a sua problemática e os objetivos que levaram na construção do presente trabalho. No segundo abordamos a imagem visual iniciando-se pela sua contextualização na transmissão do conhecimento durante a história da humanidade desde seus primórdios, levantamos vários olhares sobre a utilização das imagens nas exposições de obras de arte e a utilização das mesmas nos livros didáticos, assim como a sua contribuição na alfabetização e no incentivo à leitura. Tratamos, ainda, nesse capítulo, a Biblioteca Escolar como espaço cultural e de dinamização da informação através da leitura de imagens, com a contribuição especial do Bibliotecário, na mediação do incentivo à leitura.

A metodologia utilizada na pesquisa é tratada no terceiro capítulo, onde explicamos e justificamos a escolha dos métodos utilizados, contemplando a pesquisa etnográfica, o estudo de caso, o método dialético e os instrumentos de coletas de dados. Relatamos também, as experiências vivenciadas ao longo do desenrolar desse trabalho e, também, descrevemos o local onde a realizamos. O tratamento e as discussões dos resultados obtidos são destrinchados no quarto capítulo, esmiuçando cada experiência vivenciada através das análises desenvolvidas durante toda a pesquisa. Finalmente, no capítulo cinco, tecemos algumas reflexões conclusivas sobre o uso da imagem visual no incentivo à leitura em Biblioteca Escolar.

2 O USO DA IMAGEM NO INCENTIVO À LEITURA EM BIBLIOTECA ESCOLAR

2.1 Contextualizando a imagem visual ao longo do tempo

O uso das imagens visuais como fonte de informações remonta a própria história do homem, embora não possuísse significado único. Somente para se ter uma idéia diante dos diversos significados da palavra imagem, Platão denomina as sombras, de imagens, depois, também chamava de imagens os reflexos vistos nas águas ou em superfícies opacas, polidos, brilhantes e todas as representações do gênero. Todas essas denominações mostram que a origem etimológica da palavra imagem se encontra em várias raízes. Conforme Collard; Giannattasio; Melot (1995 apud BENTES PINTO e MEUNIER, 2006, p. 4), essa palavra se formou com o radical *weid* que deu origem a *endos* (idéia) e vídeo (ver), outra associa a imagem ao radical *weik* originando *eikon* (icone). Também encontramos esse termo vinculado ao radical *spek* (espectro, espetáculo, especular, espelho) e, finalmente, *phainein* (aparecer) e fantasma. No dicionário Michaelis, o termo imagem tanto associado aquele proposto por Platão como acrescenta também que imagem é a representação mental de qualquer forma, ou seja, ela é repleta de informações e significados, que remete a algo existencial.

Os estudos de Bentes Pinto e Meunier (2006, p.86) argumentam que no contexto da história dos registros do conhecimento a imagem visual ocupa um lugar cada vez mais “[...] *importante en la conservación y comunicación de la información, pues que*

ellas establecen las relaciones entre el ser humano y el mundo. [...] actualmente ellas tienen cada vez más un papel fundamental para casi todos los ámbitos del conocimiento.”

Não se pode negar que o aparecimento dos primeiros registros de imagens visuais foram feitos pelos seres humanos remontam a Pré-História, por volta de 4.000 a.C materializando-se nos desenhos que destinavam-se a comunicar mensagens. Muitos desses desenhos são considerados como os precursores da escrita, assim como os petrogramas – desenhos ou pinturas e os petroglifos – figuras gravadas ou talhadas. Essas figuras representaram os primeiros meios de comunicação humana.

Antes do aparecimento da escrita como nós a conhecemos, as informações eram registradas em pinturas rupestres, a mais de quinze mil anos atrás, merecendo destaque àquelas encontradas nas cavernas de Altamira na Espanha e Lascaux na França. Essas imagens comprovam a existência de crenças e cerimoniais entre os homens daquele período. Além de serem inegáveis exemplos de suas habilidades artísticas, também podemos citar as inscrições hieroglíficas, principalmente, do antigo Egito.

Com a técnica do registro através dos desenhos, o homem passou a desenvolver uma dimensão estética destes registros, que se preocupava não apenas com a simples representação, mas, uma representação visível e coerente, cheia de significados simbólicos. Em se tratando de imagem simbólica (Gaston Bachelard, 1965 apud BENTES PINTO, 2006, p. 6) explica que no contexto científico durante muito tempo a imagem foi considerada como um *“obstáculo al acceso a un verdadero pensamiento científico: la figuración de una noción o de un concepto, por excelencia abstracto, aparecía como un sustituto ridículo y una representación sospechosa para los científicos, como un verdadero obstáculo epistemológico”*.

A literatura mostra que até o século XIX, preconceito com relação a imagem, extrapolava o campo científico, pois, também no cotidiano das pessoas que não faziam parte da elite a imagem era alheia, contrariamente à elite e aos colecionadores para quem as imagens aportavam poder e status. Corroborando Abraham Moles (1971, p. 28) diz que :

[...] voir une image était en soi un micro événement de la vie quotidienne, et les enfants se rappelaient les belles images qui avaient formé leur jeunesse. Depuis, ces belles images, ces belles gravures sont devenues objets de collection : les tableaux des villes de Mérian sont l'orgueil de la famille bourgeoise comme une collection d'images retenant dans son style la saveur d'un temps où les images étaient rares et belles. (MOLES, 1971, *apud* BENTES PINTO; MEUNIER, 2006)

As imagens visuais possibilitaram a transmissão de conhecimentos através de gerações, representando uma fonte de informação riquíssima. Como defende Virginia Bentes Pinto e Meunier (2006, p. 83), embora a importância da imagem seja percebida ao longo da história, *“actualmente, con las tecnologías de la información y de la comunicación (TIC), nosotros percibimos que ellas son fuentes fundamentales de los conocimientos, en varios ámbitos de investigaciones”*.

Na contemporaneidade, houve um grande crescimento do número de imagens, devido às novas tecnologias de informação e de comunicação (NTIC), assim como as técnicas de pintura, novas tintas e suportes. Com essas tecnologias as imagens cada vez mais ganham vida e movimento. Passaram de pinturas e gravuras para fotografias, antes estáticas e, em seguida para as imagens animadas como os filmes, desenhos computadorizados e desenhos animados. Em que concerne às imagens animadas, houve uma grande publicidade sobre elas e que durante alguns tempos ficou sendo alvo de mistério e curiosidade até passar a ser popularizada e atraindo o público de maneira abrangente. Com essas modernas TICs, as imagens podem ser acessíveis e comunicáveis independentemente se em âmbito local, nacional ou mundial, pois elas deixam de estar somente exportadas no território da galáxia terrestre, em coleções de bibliotecas, arquivos ou museus, agências publicitárias, empresas de comunicação e hospitais, ao contrário também, encontram-se em coleções eletrônicas no ciberespaço. Contudo, em seu livro “Introdução à análise da imagem”, Martine Joly (1996) faz uma crítica sobre o amálgama da imagem que está associada à televisão e à publicidade. Segundo esse autor, esta associação prejudica a utilização e compreensão da imagem. A primeira confusão é incorporar suporte a conteúdo. A televisão é um meio, a publicidade um conteúdo. A segunda confusão é entre a imagem fixa e a imagem animada.

Considerar que imagem contemporânea é a imagem da mídia – e que a imagem da mídia por excelência é a televisão ou o vídeo – é esquecer que coexistem, ainda hoje, nas próprias mídias, a fotografia, a pintura, o desenho a gravura, a litografia e etc., todas as espécies de meios de expressão visual que se considerem “imagens”. (JOLY, 1996, p. 44)

Joly (1996, p.46) cita, ainda, um provérbio muito rico que ajuda a esclarecer sobre a imagem visual “as crianças francesas deviam ser comportadas como imagens”, ou seja, não se mexer, não falar, não agir, como se isso fosse possível. Esse provérbio vem ao encontro das imagens que serão abordadas no presente trabalho, quer dizer, as imagens fixas do tipo gravuras, pinturas, retratos e desenhos. Porém, também, nos interessamos pelas imagens construídas dinamicamente através de textos verbais; aquelas produzidas pelas crianças a partir das histórias construídas tanto, sobre as suas fotografias delas mesmas, quanto sobre outras imagens.

A imagem tem um papel fundamental na preservação e divulgação da história da humanidade, ela guarda a memória de fatos ocorridos em uma determinada data, seja através de fotografias, desenhos ou pinturas. Como exemplo podemos citar a pintura “A primeira missa realizada no Brasil” (Figura-01) concluída em 1860 pelo catarinense Victor Meirelles (1832-1902), cuja medida corresponde a dois metros e setenta centímetros de comprimento e que conta à história do descobrimento do Brasil.



Fig.01- Primeira Missa realizada no Brasil.

Através das imagens visuais é possível se construir sentidos e assim se ter uma boa leitura, pois elas são, por excelência, signos e, justamente por isso, favorecem inúmeras interpretações significativas por parte dos sujeitos leitores. Durante muitos anos as imagens vêm sendo objeto de estudo de vários campos de conhecimentos, notadamente Publicidade, Arquitetura, História, Saúde, Ciência da informação, Biblioteconomia, Psicanálise etc. Na compreensão de (MARTELLI, 2006 apud AUMONT, 1993, p. 73), a imagem traz informações (visuais) sobre o mundo, que pode ser assim conhecido, inclusive em alguns aspectos não-visuais. Essa função tornou-se mais importante na era moderna, com o aparecimento de gêneros “documentários” como a paisagem e o retrato.

Com um acervo de noventa gravuras e duas placas de impressão de metal de autoria do genial Rembrandt, foi realizada uma exposição na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), no período de 09 de março a 03 de julho de 2007. A coleção da exposição reuniu auto-retratos, cenas bíblicas, religiosas, retrativas do Novo Testamento, alegóricas e do gênero, nus e ainda cenas mitológicas, paisagens, retratos e rostos, todas vindas do Museu Casa Rembrandt em Amsterdã. A visita a essa exposição foi um momento impar em nossa vida, pois, constatamos mais uma vez a grande importância das imagens visuais como fontes de informação. Percebemos o quanto de informações aquelas imagens passam aos visitantes e, a interação delas com o público que ali se encontrava fazendo com ele viajasse na história do cristianismo, através dos traços de Rembrandt.

2.1.1 O uso da imagem visual em algumas áreas de saberes.

O potencial das imagens é estudado em todos os campos científicos: da astronomia à medicina, da matemática a meteorologia, da geodinâmica à física e à astrofísica, da publicidade à educação. Nesse sentido, Koury afirma que:

Em meados do século XIX, a fotografia aliou-se à antropologia na tarefa de inventar culturas e modos de vidas estranhas ao homem dito civilizado. Desde então, as imagens passaram a fazer parte das bagagens dos cientistas sociais, servindo como provas ilustrativas da verdade (...). Só nas primeiras décadas do século XX é que a fotografia vai ganhar maior importância no corpo dos trabalhos escritos. (KOURY, 1997, p.48)

Na publicidade e no *marketing* a imagem é a ferramenta indispensável para o trabalho. É com ela que os especialistas da área chamam a atenção para a importância do consumo de determinados produtos e também em campanhas educativas ou, ainda, para esclarecer ou explicar algumas ações governamentais. No campo da história e do direito a imagem é bastante utilizada como prova ou testemunho.

O texto “A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de português” de Célia Abicallil Belmiro, relata a importância do estudo da imagem e de sua utilização nos veículos de comunicação, principalmente os de caráter pedagógico, instaura no âmbito escolar, a necessidade de se defrontar com a presença avassaladora da imagem visual no cotidiano dos sujeitos. Aborda três teorias aquelas em cujas imagens são percebidas do ponto de vista funcional; as que tratam a imagem na compreensão semiótica, e, por último as teorias que tratam da imagem no aspecto cognitivo. Todas essas abordagens têm por objetivo compor um conjunto de reflexões cujo eixo é a relação entre ensino-aprendizagem. A autora levanta algumas questões iniciais sobre o surgimento das chamadas ilustrações nos livros didáticos, o que leva a corroborar com o tema da monografia que estamos construindo, quer dizer o uso da imagem como elemento de incentivo a leitura em bibliotecas escolares. Ainda nesse contexto, a autora afirma que os livros didáticos de português já estão utilizando imagens funcionais para melhorar o aprendizado dos alunos. (BELMIRO, 2005)

Rosa Lavelberg e Luciana Arsin (2004), produziram um suplemento didático com sugestões de ensino para alunos de diversas séries: 1ª a 4ª série, com o objetivo de inventar e criar, a partir de uma imagem dada, novas histórias e diferentes imagens, através de obras de Portinari. Para os alunos que partir do quinto ano, buscavam a compreensão da produção de pinturas em espaços públicos através da observação dos elementos formais da

obra de Portinari. Essas experiências mostram algumas formas de se trabalhar com imagens visuais buscando o desenvolvimento intelectual do aluno. Outros estudos vêm sendo efetuados contemplando essa temática, principalmente no campo da educação. Exemplos de resultados desses estudos são abordados no texto “Aprendendo com imagens”, de autoria de Isabel Martins, Guaracira Gouvêa e Cláudia Piccinini (2002) e que incluem a idéia de que as imagens são mais facilmente lembradas do que suas correspondentes representações verbais, o efeito positivo de ilustrações na aprendizagem dos alunos e as análises do potencial didático e dos limites da imagem como facilitadoras de aprendizagem do ponto de vista cognitivo.

Continuando seus estudos sobre o uso das imagens no ensino aprendizagem, Isabel Martins, Guaracira Gouvêa e Cláudia Piccinini (2002), realizaram uma entrevista com duplas de estudantes do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental. Os resultados mostram que na busca de uma significação para a imagem, os alunos se engajam em procedimentos elaborados que envolvem análises de elementos composicionais, buscas na memória por experiências relevantes, estabelecimento de relações com situações do seu cotidiano. De acordo com esses dados, e entendendo que para se apreender algo é preciso ter algo em mente que ofereça suporte ao novo conhecimento adquirido, fica claro que é necessário trabalhar imagens que interajam com o cotidiano do aluno para sua interação com a alfabetização.

No âmbito das práticas tradicionais de alfabetização, os alfabetizadores sempre trabalharam com textos verbais como recurso fundamental para o aprendizado da leitura. Essa afirmação é corroborada por Martelli (2006) ao afirmar que:

Para a maioria das pessoas o texto escrito é sempre o referencial mais importante, onde se tem a possibilidade de voltar, pensar e refletir. Mas, não podemos deixar de pensar que uma parte da população mundial desconhece a linguagem escrita. São os “iletrados” e para eles o mundo é composto apenas pela linguagem oral e por imagens. (MARTELLI, 2006, p. 54)

As novas práticas do processo de alfabetização já estão privilegiando as imagens em uma perspectiva de alfabetização visual contemplando as imagens nessa nova maneira de alfabetizar. Nos livros didáticos as imagens estão sendo bastante utilizadas para a melhor compreensão dos conteúdos informacionais e para despertar o interesse do leitor. Com outras palavras, nessa nova prática, a alfabetização a tônica contempla, também, o uso da leitura de imagem. Assim, o uso da imagem não se prende somente ao cotidiano da escola privada, porém aquele da escola pública, fato corroborado por Curtis, (1987, p.58) e Donis (1991, p.45), para quem a “Alfabetização visual pode ser entendida como a habilidade de as pessoas compreenderem um sistema de representação visual, associada com a capacidade de se expressar por meio dele” A leitura visual sempre foi importante para o homem, indo além de sua representação, despertando emoções e, até mesmo, ignorando a razão. O psicólogo norte-americano (SPARLING apud MONTENEGRO em 2001), aborda que trabalhar com desenhos desde cedo é um ótimo recurso para incentivar a criatividade infantil. Anamelia Bueno Buoro corrobora ao relatar a importância da imagem no processo educacional:

Imagens impõem presenças que não podem persistir ignoradas ou subestimadas em sua potencialidade comunicativa por editores e educadores, mas que, ao contrário, devem ser devidamente exploradas e lidas, o que implicaria ganho evidente para o processo educacional. A presença da imagem nos livros escolares e o contato diário da criança e de nossos alunos em geral com imagens de qualquer ordem devem ser fatores levados em conta, tanto à questão dos diferentes tempos de sua leitura e os modos de ver/ observar essa presença como algo que atua sobre a sensibilidade e os afetos dos leitores. (BUORO, 2002, p. 35)

Muitos autores brasileiros como o Ziraldo têm trabalhado a imagem como texto visual nos livros infantis, porém, muitos educadores ainda não despertaram para a utilização desses recursos no processo da alfabetização. A utilização de livros ilustrados despertam a atenção das crianças convidando-as para o mundo da leitura, como é comprovado no decorrer do presente trabalho.

No livro “Artes visuais e escola: para aprender e ensinar com imagens”, organizado por Neide Campos e Fabíola Cirimbelli Búrigo Costa (2002), são reunidos vários textos que abordam a importância de imagens no processo educativo. Campos, (2003) “considera que estar alfabetizado em Arte significa saber expressar-se através do ver, do fazer e compreender as imagens”. Costa, (2003), complementa essa afirmação, explicando que uma efetiva alfabetização não pode acontecer se o aluno não tiver acesso à informação sobre o objeto de conhecimento. Por este motivo, a nossa pesquisa vem ao encontro a essas informações para tentar levar a biblioteca escolar imagens que corroborem no incentivo à leitura, através de imagens que despertem o interesse dos usuários, que os levem a agirem dialeticamente.

2.2 O uso da imagem visual no incentivo à leitura em Biblioteca Escolar

Como já foi citado, diversas áreas do conhecimento têm utilizado a imagem visual para seus estudos e experimentos. Compreendendo a importância da imagem e a sua contribuição na transmissão da informação. Iremos fazer um gancho com o uso da imagem no incentivo à leitura em biblioteca escolar, através dos seguintes apontamentos: A biblioteca escolar e o Bibliotecário Escolar na mediação da imagem visual no incentivo a leitura. Para que possamos compreender melhor como o bibliotecário escolar poderá utilizar a imagem na biblioteca (espaço cultural e de múltiplos saberes) para atrair os alunos e os incentivarem a leitura, despertando-lhes o gosto pela leitura.

2.2.1 Considerações sobre a biblioteca escolar.

Não se pode negar o papel da biblioteca escolar, na formação dos estudantes e na contribuição para o ensino - aprendizagem, mesmo em se tratando de sociedades

emergentes ou em nível de desenvolvimento, como é o caso brasileiro. Estudando sobre o tema, percebemos na literatura que, desde a antiguidade a biblioteca escolar está inserida na sociedade, somente para dar um exemplo, no Liceu de Aristóteles (Atenas) havia uma biblioteca, considerada como a primeira biblioteca escolar no mundo. (CALIXTO, 2000). Também na civilização Árabe foram encontrados vestígios da biblioteca escolar. Na Idade Média, essas bibliotecas foram implantadas largamente nos mosteiros e conventos, destacando-se aquelas localizadas na Europa e, posteriormente chegaram ao Brasil trazidas pelos jesuítas, juntamente com as escolas de São Vicente e Salvadoras. Mais tarde, também por iniciativa dos jesuítas, as bibliotecas escolares se expandiram, sendo implantadas nas chamadas escolas normais e ginásios estaduais.

Mesmo com essas iniciativas, durante séculos, as bibliotecas escolares brasileiras ficaram relegadas a segundo plano, embora que existissem algumas iniciativas isoladas e a participação de vários educadores. Lourenço Filho (1944) foi um deles, para quem ensino e biblioteca escolar são instrumentos indissociáveis e indispensáveis à escola, conforme sua fala “[...] uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto”. As vozes dos educadores não surtiram grandes efeitos e, continuaram sem integração com a escola. Atualmente, a biblioteca escolar está institucionalizada, inclusive nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que defendem a biblioteca escolar como um dos complexos escolares, e que suas ações devem estar voltadas ao desenvolvimento do gosto pela leitura, e para a capacitação dos alunos nas habilidades específicas ao uso da informação. Recentemente assistimos ao lançamento de mais uma legislação dedicada a leitura e a biblioteca escolar; trata-se da Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, que ficou conhecida como a “Lei do Livro” e institui a Política Nacional do Livro. Ela cria o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), porém o seu lançamento somente ocorreu três anos após, em 13 de março de 2006, através da Portaria Interministerial de número 1442 do Ministério da Cultura (MinC) e do Ministério da Educação (MEC). O PNLL “é um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado (em âmbito federal, estadual e municipal) e pela sociedade”.

Todas essas ações, ainda não foram capazes de sensibilizar os gestores da esfera estadual e municipal e muito menos aqueles de escolas particulares, para a grande contribuição da biblioteca escolar para a vida escolar, tanto de estudantes quanto de professores. Muitos gestores, justamente por não serem sensíveis ao papel da biblioteca escolar a nomeiam “sala de multimeios” e “sala de leitura” e, muitas vezes a transformam em espaço de castigo. Também encaminham para lá os professores confrontados com problemas de saúde, e sem a devida competência para exercerem atividades inerentes à formação do bacharel em Biblioteconomia. Então, a biblioteca escolar que deveria ser o espaço da aprendizagem, do prazer e da socialização, passa a ser o espaço dissociado da vida escolar, em nível de ensino fundamental e médio.

Também nessas bibliotecas, os acervos, em sua maioria, são constituídos por coleções de livros paradidáticos e, muito raramente, com materiais áudios visuais ou outras fontes que seriam de grande relevância para os alunos e professores. O Manifesto da Unesco para Bibliotecas Públicas e Escolares publicado conjuntamente com a Federação Internacional de Associações de Bibliotecários (IFLA) amplia a discussão sobre a função dessas bibliotecas e propõe que nesses espaços deve haver coleções de várias fontes, inclusive imagens e sons. Ora, o mundo é atrelado a um vasto número de informações expressas através dos variados códigos, símbolos e signos. Na biblioteca escolar a situação não é diferente, porém existe um paradigma muito forte de que a biblioteca é para um público letrado, ou seja, um público que saiba ler os códigos da escrita, esquecendo-se muitas vezes que existem outras formas de leitura, por exemplo, a de imagens visuais e de sons. É nesse sentido que o capítulo a seguir se voltará.

2.2.2 O Bibliotecário Escolar na mediação da imagem visual no incentivo à leitura.

Para que haja a interação, entrosamento, entre bibliotecário, escola e comunidade, não adianta ter somente boa vontade, grandes idéias e coragem, se não a

biblioteca escolar não acontece. Para que ela realmente funcione e cumpra sua missão é necessária à parceria. O bibliotecário deve ter humildade e paciência para fazer parcerias.

O Bibliotecário escolar precisa ter um diferencial todo especial, ter particularidades que o diferencie dos demais profissionais. Ele deve ser livre de preconceitos, ter autonomia, ser flexivo, ser dinâmico, interagir, mediar, limpo, simpático, paciente, humano, tem que ter “aquilo”. Ele precisa ser competente em informação como os demais bibliotecários, deve ser capaz de reconhecer quando uma informação é necessária e deve ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação, ensinado e aprendendo com os usuários através de uma troca diária de informações. Almeida Júnior (2006. p. 43), corrobora em afirmar que no perfil do Bibliotecário seria necessário constar características tais como: Organização; Paciência; Simplicidade; Humildade; Simpatia.

O Bibliotecário deve ser um membro participante em todos os setores da escola, estar ciente das atividades realizadas na escola, como reuniões e eventos entre alunos e comunidade. “O Bibliotecário adequado é aquele que está em constante questionamento”. (ALMEIDA JÚNIOR, 2006. p. 53)

Os bibliotecários embora se considerem os verdadeiros intermediários entre o usuário e a informação, têm uma estranha concepção daqueles a quem devem prestar seus serviços: consideram o seu público apenas os que já possuem uma iniciativa mínima, ou seja, uma pequena e reduzida parcela da população.

De acordo com dados divulgados no Proler, 2005, o número de pessoas que têm o gosto pela leitura é mínimo, o fato se deve por conta da falta de alfabetização no Brasil, os números que falam sobre os números de pessoas alfabetizadas no Brasil, são apenas números, pois não condiz com a realidade, entendendo que “alfabetização é aquele que sabe escrever pelo menos o nome”. Os alunos passam de séries sem saber ler, muito menos compreender um texto. Como já foi citada a biblioteca escolar está longe de atingir seus objetivos, para que possa ajudar no processo da leitura.

Segundo Emilia Ferreiro (2001), percebe-se que para ler, requer um processo para decodificar os símbolos, as letras. Que todo indivíduo inicia o processo de leitura através de imagens.

A alfabetização inicial é considerada em função da relação e o estado de “maturidade” ou “prontidão” da criança. Os dois pólos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende) têm sido caracterizados sem que se leve em conta o terceiro elemento da relação: a natureza do objetivo de conhecimento envolvendo esta aprendizagem. (FERREIRO, 2001, p.42)

A afirmação veio corroborar com o objetivo desta pesquisa que é o objeto de conhecimento na vida do leitor, atraindo para o mundo da leitura através do espaço da biblioteca escolar, utilizando imagens visuais para atrair e incentivar os não-letrados e os letrados.

É notável a importância do bibliotecário desenvolver atividades que envolvam todos os tipos de usuários na biblioteca. De acordo com Marta Ligia Pomim Valentim, 2000, atualmente as estruturas dos cursos de biblioteconomia estão direcionados para o paradigma da informação, buscando um profissional mais dinâmico para que este possa desenvolver interagir e mediar com os diversos tipos de usuários e suas necessidades.

A presença do bibliotecário é uma raridade em nossas bibliotecas escolares. Mas, quando ela é constatada nota-se, na maioria das vezes, uma atuação do profissional deslocada da comunidade escolar. Ele não faz parte integrante e atuante da escola. Não planeja suas atividades integrado a direção, a supervisão, ao serviço de orientação educacional, aos professores e alunos. A tendência do bibliotecário é se dedicar a maior parte do seu tempo aos serviços técnicos (catalogação, classificação, etc...) em detrimento de atividades prioritárias no processo educativo. (CARVALHO, 1984, p.34)

As palavras de Ana Maria Sá de Carvalho citadas em seu livro no ano de 1984 ainda são detectadas nos dias atuais, o que se percebe é que muitos bibliotecários demonstram receio em interagir com os usuários, representando uma grande falha para o

profissional, todavia o processo técnico é desenvolvido em função do usuário, se o bibliotecário não desenvolve uma mediação com o mesmo, o trabalho desenvolvido jamais alcançara os fins desejados.

Na biblioteca escolar, espaço naturalmente destinado às descobertas, o ambiente propício que contribui para o cumprimento do seu papel: ensinar e aprender, que é segundo Bagno (1998, p.54) “criar possibilidades para que a criança chegue sozinha as fontes de conhecimento que estão à sua disposição na sociedade[...]”.

Dos vários tipos de biblioteca, é a escolar que servirá de infra-estrutura para a formação de autodidatas e de pesquisadores que serão os futuros usuários de bibliotecas públicas, bibliotecas universitárias, bibliotecas especializadas e etc. É nela que o educando inicia o hábito de ler e de usar bibliotecas. (CARVALHO, 1984, p. 36)

A responsabilidade do cumprimento das funções que a biblioteca escolar trás arraigado em sua missão é inigualável, os bibliotecários e os diretores de escolas devem tomar consciência desse fato e introduzir tais preocupações em suas agendas, com urgência. A este respeito comenta Milanesi (2002, p. 10) que “[...] educação e biblioteca firmaram como elementos inseparáveis. E ambas estão voltadas para a construção de uma sociedade conforme os valores coletivos do momento”.

[...] dentre as funções da Biblioteca Escolar o Manifesto da UNESCO sugere como essencialmente necessário para o bom desenvolvimento da leitura e escrita, da capacidade informativa e da educação, ações como: apoio aos programas de ensino; incentivo ao gosto pela leitura e pela freqüência e utilização de bibliotecas, possibilidade de criação, utilização de informações variadas e em qualquer suporte, possibilitando a comparação de informações e formação de opinião própria; atividades que estimulem ações culturais e sociais. (SALES, 2004, p.24)

[...] os esforços devem estar buscando alternativas no sentido de envolver a biblioteca com a comunidade escolar e com a comunidade próxima

como um todo, como um espaço pedagógico, educativo, inserido no ambiente escolar não apenas fisicamente, mas como um espaço comprometido com a função social da escola de contribuir para a formação de cidadãos críticos, conscientes. (SALES, 2004, p.25)

Baseados em uma pesquisa divulgada no ano de 1984, resultado da dissertação de mestrado da professora Ana Maria Sá de Carvalho, professora do Departamento de Ciências da Informação (DCI) na Universidade Federal do Ceará (UFC), constatamos como em Fortaleza, o estado de estagnação das bibliotecas escolares, permanecendo inalterados por mais de duas décadas! Na pesquisa citada, foi publicado o quadro de carência das bibliotecas escolares em Fortaleza. Ana Maria Sá de Carvalho verificou que a inexistência ou mau funcionamento das bibliotecas escolares que existem, interferem no público das bibliotecas universitárias e públicas de todo o País. Reconhece a autora que o desenvolvimento da leitura, como parte da educação fornecida pela escola, deveria ter atenção especial, pois “a leitura é o instrumental por excelência para a promoção do exercício do pensamento crítico e da imaginação”.

Luis Milanesi, grande nome que reflete os aspectos culturais do Brasil, situa muito bem o discurso filosófico e sociológico da questão para a Biblioteconomia e revela que a inexistência de bibliotecas escolares é uma forma de tornar a educação mais simplista e ineficaz, contextualizando que:

“Uma escola frágil e uma televisão forte geram um homem com a cabeça na lua e os pés na lama: a lua do mundo encantado da mídia, que é o mundo do outro e nunca o seu próprio e a lama de sua realidade que ele não consegue ver e se não consegue transformar porque não consegue ver não sabe como sair dela. Configura-se aí o problema fundamental: um saber empacotado, pré-definido ou, em suma, ignorância”. (MILANESI, 2002, p. 42)

Compreendendo a importância da biblioteca escolar, o Bibliotecário no âmbito escolar tem que ter um acervo pessoal cultural múltiplo, ter clareza em suas ações, saber cativar aos alunos, falar e compreendê-los, o aluno deve se sentir atraído e confiante no

espaço biblioteca, para que o mesmo faça uso desta e saiba aproveitar os recursos e informações que ela oferece. O bibliotecário deve ser o elo de ligação entre o aluno e a informação.

Sem formação que atente para a complexidade nas relações da criança com a leitura, sem clareza quanto a seu papel, ao lugar na vida social, aos vínculos profundos existentes nas práticas de leitura, cultura e sociedade, sem conhecimento profundo dos materiais de leitura, cultura e sociedade, sem conhecimento profundo dos materiais de leituras a serem oferecidos, é difícil imaginar uma situação decisiva de agentes diversos na busca de reversão do quadro atual. (PERROTI, 1991, p. 81 apud. SILVA; BOTOLIN, 2006, p. 16)

O Bibliotecário deve detectar os interesses e necessidades dos alunos, “A criança aprende quando relaciona o que aprende com seus próprios interesses” (ROSSINI, 2003), cabe ao bibliotecário através da comunicação que se dá pela interação, desenvolver repertórios plurais de informação e cultura para que a mediação aconteça independente de qual for o usuário, podendo ser desde o aluno, professor, diretor, zelador, os pais dos alunos e a comunidade em torno da escola. É importante ressaltar que há diversos tipos de comunicação, entre elas podemos citar a estudada nesta pesquisa, que é a comunicação visual, comunicação por meio de imagens e elementos visuais relacionados.

Para se mediar com eficiência, torna-se inevitável o embasamento sobre a arte e a literatura, pois a compreensão do processo escrito quer seja: escrito, sonoro ou plástico, pode contribuir para que o mediador amplie sua percepção sobre o encaminhamento de ações de leitura na escola. (SILVA; BOTOLIN, 2006, p. 17)

Além de ser bibliotecário escolar, deve-se saber que é preciso ser um educador, todavia a biblioteca está contribuindo e oferecendo a base para a educação do indivíduo, tornando-o um ser pensante, político e crítico. De acordo com a UNESCO existem quatro pilares fundamentais para a educação: aprender a conhecer; aprender a conviver; aprender a

fazer e aprender a ser. Estes pilares são de extrema importância no sucesso da mediação da leitura por meio de imagens visuais, através desses o Bibliotecário alcançara a eficiência de seus objetivos como mediador na biblioteca escolar.

A motivação é um elemento fundamental para que a mediação aconteça, “nada acontece, nenhum passo é dado se o ser humano não ter por motivo uma razão” (ROSSINI, 2003), entretanto é necessário haver um motivo para que o usuário se sinta atraído pela biblioteca, que ele tenha a curiosidade de adentrar a seu mundo informacional e sinta confiança no seu mediador, o Bibliotecário, que este por sua vez tentará despertar o gosto pela leitura no aluno, estando sempre atento às necessidades e interesses do usuário.

2.2.3 A contribuição do usuário para o incentivo à leitura em Biblioteca Escolar.

Existem conteúdos de informação das mais variadas naturezas, fontes e aplicações, podendo estas ser utilizadas nas bibliotecas escolares como atrativos de leitores. Em nossas práticas empíricas, percebemos entre as crianças um grande interesse por desenhos, gravuras, pinturas, tudo que contenha cores. Então, nada mais natural, o uso desses recursos para explicar a elas, a leitura de signos imagéticos, mostrando aos alunos que desde bebês o indivíduo lê. Assim, se estaria dando a devida importância às diversas leituras, seduzindo o leitor a partir da infância, para torná-lo um indivíduo leitor nas demais etapas da vida. Pelo acesso imagético desse repertório multifacetado, o indivíduo tornar-se-ia um cidadão leitor, pelas possibilidades de aprendizado que a imagem oferece como o conhecimento e entendimento amplo da realidade ao qual está inserido.

Com as possibilidades de ofertas oriundas das modernas tecnologias de informação e de comunicação o acesso às imagens se torna cada vez mais presente e alcança todos os setores, sejam empresariais, industriais, comerciais, educacionais e de serviços de uma maneira geral. Porém, essa nova racionalidade demanda novas habilidades

para que o sujeito possa se deslocar sobre as ofertas. Conforme (SOARES, 2000, p. 2 apud. QUEIROZ, 2006, p. 22) vivemos na “cultura de tela” e essa “nova cultura de tela” e seus “meios eletrônicos” reforçam a importância de exibir tais habilidades: “nas sociedades letradas, ser alfabetizado é insuficiente para vivenciar plenamente a cultura escrita e responder as demandas de hoje”.

A influência da comunicação no século XXI, geralmente chamado de civilização da imagem, continua a crescer, porque vivemos num tempo em que grande parte da informação que recebemos vem pela forma imagética: “É senso comum na crítica contemporânea que as imagens têm poder no mundo”. (MITCHELL, 1994, p.42)

Parte da sociedade é inconsciente sobre a existência da linguagem visual. Este fato trás conseqüências negativas, pois existem sistemas na sociedade que são desenvolvidos para tirar vantagens comerciais e políticas disso. O uso da fotografia é uma ferramenta acessível para compreender a linguagem visual e desenvolver a reflexão do sentido do poder das imagens. Isto é possível acontecer porque analisando imagens e produzindo fotografias é permitido um ativo engajamento para aperfeiçoar o conhecimento visual e reduzir a diferença entre a elite que produz a maioria das imagens e os milhões de pessoas que as consomem. (KULCSÀR JR, 2004, p. 38)

Com a modernidade e as facilidades que a tecnologia oferece, a inserção da fotografia na biblioteca escolar, a seleção do acervo da biblioteca em conjunto com os alunos, professores e pais, caracteriza-se como uma ação que pode contribuir como atrativo de incentivo aos leitores.

A leitura fotográfica começa com a interpretação familiar e básica baseada em um específico olhar, e com o aumento do aprendizado um desenvolvimento para mais abstrato e crítico relacionamento. Aprender como ‘ler’ e construir significados na fotografia é primeira habilidade para alfabetização visual. (KULCSÀR JR, 2004, p.46)

Outro atrativo para os alunos são os gibis, que em muitas bibliotecas não fazem parte do acervo, deixando a desejar na satisfação das necessidades e interesses dos alunos. Entendemos que toda leitura é leitura, independentemente de qual modalidade seja. Muitos alunos sentem-se censurados, como cita Rovilson José da Silva (2003) em seu texto Formar leitores na escola, ao qual ele aborda oito premissas para a formação do leitor, na quinta premissa ele argumenta que a leitura advém de um processo gradativo de cada leitor, ou seja, não se pode pular as etapas e os níveis de leitura de cada aluno, não se pode tirar os livros ilustrados do acervo, se este faz parte das necessidades dos usuários, assim como revistas, gibis e outros. É importante lembrar que o usuário deve ter papel fundamental na construção do acervo, pois, assim, ele passa a se identificar com os documentos do acervo, pois o ajudou a construir, portanto, percebe que suas necessidades informacionais foram supridas. Desse modo, esse usuário poderá ser um grande incentivador da leitura, pois inclui a biblioteca escolar em sua vida.

3 METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo etnográfica, segundo Graciela González Biondo (2007, p.121) é um novo método de pesquisa da antropologia cultural que passa a ser usada para observar os consumidores-alvos no contexto de consumo ou de uso.

O campo de experimentação empírica foi à biblioteca da Escola Municipal Francisca Fernandes Magalhães no Bairro Bom Sucesso. Essa escola é de ensino fundamental localizada na Rua Vital Brasil. A escola tem novecentos e vinte oito alunos matriculados nos três turnos, sendo trezentos e setenta e nove no período da tarde, cursando do terceiro ao quinto ano, com faixa etária de oito a quatorze anos.

O trabalho tem como base o método dialético, o qual Platão utilizou no sentido de arte do diálogo. De acordo com Antonio Carlos Gil (1999, p.32), a concepção moderna de dialética, no entanto fundamenta-se em Hegel, ao qual considera que a lógica e a história da humanidade seguem uma história dialética, nas quais as contradições se transcendem, mas dão origem a novas contradições que passam a requerer solução.

A dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais e etc. (GIL, 1999, p. 32)

Essa fala mostra que a pesquisa não foi estática, nem isolada, a pesquisa esteve em constante transformação, aperfeiçoamento, para compreender melhor a realidade,

desenvolvendo assim, um estudo que corrobora com o crescimento da sociedade na área da Biblioteconomia em parceria com a Educação.

Foi feita uma revisão de literatura durante toda a pesquisa, assim como a observação de fatos, comparação e por fim uma generalização na relação verificada.

O presente trabalho classifica-se como sendo um estudo exploratório que, segundo Triviños (2006, p.109) “permite ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema”. Corroborando, Gil (1999) diz que as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, e tipo aproximativo, acerca de determinado fato. O pesquisador parte de pequenas conjecturas hipotéticas e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maiores conhecimentos para, em seguida, planejar uma pesquisa descritiva ou de tipo experimental.

Como técnica de coleta de dados optamos pela observação sistemática e a entrevista estruturada. De acordo com Gil (1999, p.114), observação sistemática “é freqüentemente utilizada em pesquisas que têm como objetivo a descrição precisa dos fenômenos ou o teste de hipóteses”. O autor diz, ainda que:

A observação sistemática pode ocorrer em situações de campo ou laboratório. Nestas últimas, a observação pode chegar a certos níveis de controle que permitem defini-la como procedimento quase experimental. Muitas das pesquisas realizadas no campo da psicologia experimental foram na realidade desenvolvidas a partir de observação sistemática. (GIL, 1999, p. 114)

Essa observação foi feita em dois momentos. No primeiro, tencionávamos ter uma visão geral do ambiente e também os acontecimentos que se desenrolaram ao longo das entrevistas e das dinâmicas com as crianças. Em um segundo momento retornamos à biblioteca para saber a repercussão de nossas atividades e continuar com novas ações a fim de colhermos mais dados para a nossa pesquisa.

Em relação à entrevista estruturada, conforme argumenta Gil (1999, p. 121), ela “desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número”. (GIL,1999, p.121)

As entrevistas e as observações foram realizadas no período de 22 de abril a 27 de maio de 2008, utilizando-se o gravador e fazendo anotações das observações no caderno de campo. Durante essa etapa, alguns alunos não concordaram em gravar suas falas, pois se sentiram intimidados. Nesse caso, fizemos as anotações das respostas dos entrevistados no caderno de campo, assim como as observações feitas durante os experimentos.

Os experimentos foram feitos através de uma amostragem probabilística dos alunos, de forma parcial. Após o término das pesquisas na escola, retornamos a Biblioteca da escola para observarmos se ocorreu alguma mudança no comportamento da escola, assim como, nas atitudes das professoras e dos alunos. A fim de relatarmos a importância da pesquisa na sociedade, as influências significativas que ela exerce.

A preocupação em saber o que as experiências causaram no âmbito escolar, nos ajudaram a dar consistências a pesquisa.

3.1 Estudo de Caso (Biblioteca Escolar)

Utilizamos em nossa pesquisa o estudo de caso, ao qual Gil (1999, p.72) caracteriza-o como sendo o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado.

O estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são

utilizadas varias fontes de evidência. (YIN, 1981, p.23 apud GIL, 1999, p.73)

A pesquisa empírica foi realizada na Biblioteca da Escola Francisca Fernandes Magalhães, localizada na Rua Vital Brasil no Bairro Bom Sucesso, na periferia de Fortaleza. A dimensão dessa biblioteca é de seis metros quadrados, ela fica localizada em frente à sala da diretora, tendo como acesso um corredor estreito e não é climatizado por nenhum meio, fato que contribui para que ele seja muito quente. Embora a escola funcione nos três turnos, A biblioteca funciona apenas no período da noite, tendo à frente uma professora responsável que, devido a problemas fonoaudiológicos foi deslocada para esse espaço, fato que já se tornou uma prática no contexto da educação básica brasileira. Em razão dessa professora não ter uma capacitação correspondente à área de Biblioteconomia, suas atividades se restringem ao tombamento do acervo e ao empréstimo, não concretizando qualquer ação em relação ao tratamento, organização e gestão do acervo, muito menos que contemple a leitura.

Os equipamentos e mobiliários são constituídos por um computador (que não funciona), um televisor, dois DVD's, duas mesas médias e uma grande, onze estantes de ferro, dezesseis cadeiras, sendo que uma é de rodinha. Essa cadeira de rodinha está sem o encosto, então as crianças a utilizam como se fosse um carrinho e se deslocam no ambiente da biblioteca, passeando pelas estantes a fim de manusearem os livros. O acervo é constituído de várias fontes primárias e secundárias: livros didáticos e paradidáticos, Atlas, mapas, dicionários, doze revistas em quadrinhos, folhetos. Também fazem parte do acervo, um esqueleto médio que as crianças chamam de Zé, elas se sentem bastante atraída por ele, pois, desperta-lhes a curiosidade. Na biblioteca também são colocados os materiais utilizados nas reuniões, cursos e oficinas. É uma espécie de memória, embora esses materiais não estejam recebendo o tratamento necessário a fim de que possam vir a se constituir na memória, propriamente, da escola.

A figura-2 apresenta algumas imagens do ambiente dessa biblioteca, a fim de que possamos nos situar no espaço a ser estudado, assim como, os armários, as estantes, o esqueleto Zé, o acervo cartográfico e alguns livros expostos.

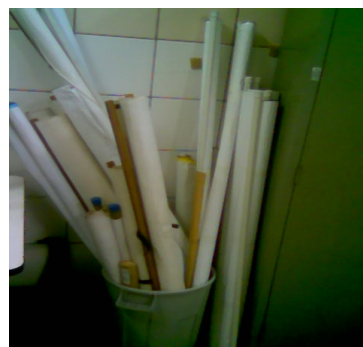
Fotos da Biblioteca da Escola Francisca Fernandes Magalhães



Acervo



Livros Ilustrados



Material Cartográfico



Fig. 02 – Fotografias tiradas por Luziana Lourenço, na escola Francisca Fernandes Magalhães em 2008.

3.2 Relato de Experiência

Em novembro de 2006, período no qual estávamos desenvolvendo o projeto de pesquisa na disciplina Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação com o tema “Uso da Imagem Visual no Incentivo a Leitura em Bibliotecas Escolares”, fizemos o primeiro contato com a biblioteca escolar da Escola Francisca Fernandes Magalhães. Embora não tivéssemos agendado essa visita, fomos muito bem recebidas pela professora Elizabete que, é a responsável pela biblioteca. Ela nos explicou a situação real dessa biblioteca, denominada como sala de multimeios e relatou que o funcionamento é somente no período da noite, pois nos demais turnos não tem funcionário disponível. Tentamos conversar com ela sobre o atendimento ao usuário, porém, seu interesse era em saber sobre a organização dos livros, já que ela havia sido recentemente

encaminhada para trabalhar na biblioteca, começando pelo tombamento do acervo. Explicamos sobre o projeto, esclarecendo que no ano seguinte daríamos continuidade à pesquisa.

Em 2007 fizemos algumas visitas à escola para garantir o ambiente da pesquisa. Durante nossas visitas, fomos muito bem recebidas por todos os funcionários da escola, que sempre se mostraram interessados em nossa pesquisa, nos incentivando e nos possibilitando o livre acesso. Entretanto, até então não havíamos contactado a diretora da escola. No dia 16 de abril de 2008, falamos com a diretora da escola para explicar nossa intenção de efetuarmos a pesquisa na Biblioteca dessa escola e marcar o início de nossas experiências. Ao explicarmos sobre nossa pesquisa, a diretora já estava ciente, pois, a professora responsável pela biblioteca, já havia lhe colocado a par. A diretora nos alertou sobre o comportamento dos alunos, dando ênfase na má educação dos mesmos e ao desinteresse pela leitura. Quando relatamos que precisaríamos fazer uma entrevista, ela se prontificou a falar com os professores a fim de que eles escolhessem os alunos a serem entrevistados. Assim, poderíamos ter maior sucesso em nossa pesquisa, pois, se as entrevistas fossem realizadas aleatoriamente, alguns alunos poderiam não contribuir em nada, devido a falta de comportamento e conhecimento. Logo em seguida a diretora voltou atrás verificando que assim a pesquisa não seria fidedigna e nos deu livre acesso para trabalhar com alunos conforme nossa metodologia de coleta de dados e que poderíamos começar na semana seguinte.

Na terça-feira à tarde, dia 22 de abril iniciamos a pesquisa de campo através da entrevista estruturada e a observação participante, num processo mais amplo do que um simples “olhar”, com abordagens qualitativas. A estratégia para essa observação e entrevista foi a seguinte: escolhemos vários livros paradidáticos, sendo que alguns se constituíam somente de texto verbais, outros com texto verbais e não verbais e outros somente com textos não verbais (imagens). Deixamos os livros selecionados bem a mostra sobre uma mesa, alguns fechados e outros abertos, para identificar o interesse dos alunos. Na hora do intervalo, nos colocamos no corredor de acesso à biblioteca, pois, consideramos que esse seria um ponto estratégico para chamar a atenção dos alunos para a biblioteca. Então, com a frase “Oi, a biblioteca está aberta” e fiquei aguardando a reação dos alunos. Um grupo de

alunos se manifestou e perguntou surpreso - Tia! A biblioteca “ta” aberta de verdade? Afirmei que sim e as convidei para entrarem a biblioteca e demos início à pesquisa. Explicamos aos alunos que iríamos fazer algumas atividades com eles, durante algumas semanas durante o intervalo, no período da aula e também após o término das aulas, para aqueles que quisessem ficar na biblioteca.

As ações para o desenrolar desta pesquisa ocorreram do seguinte modo: Explicamos aos alunos como seriam as nossas vivencias e que também ao final das práticas colocassem a série, a idade e o nome, a fim de que fosse possível uma melhor comunicação da pesquisadora com os alunos. As estratégias foram feitas seguindo cinco experiências:

- 1) Espalhamos vários livros, abertos e fechados, ilustrados ou não, sobre as mesas. Pedimos aos alunos que escolhessem, livremente um livro, observando-o com atenção para que em seguida emitisse a sua opinião sobre o que este livre lhe despertara, podendo expressar-se tanto através do texto escrito ou da imagem (desenho);
- 2) Colocamos sobre a mesa vários recortes de revistas em quadrinhos relacionados às histórias do Sítio do Pica Pau Amarelo solicitando-lhes que montassem uma história com essas figuras;
- 3) Solicitamos, também, aos alunos que fizessem desenhos livres e em seguida narração as histórias sobre os desenhos;
- 4) Solicitamos aos alunos que trouxessem suas fotografias para a partir delas contassem uma história. Para reforçar as nossas idéias, solicitamos a uma professora que lembrasse aos alunos sobre a fotografia.
- 5) Empréstimo de livros para verificar o gosto pela leitura, ao devolver os livros para biblioteca os alunos foram questionados sobre as histórias que leram e o que eles acharam da experiência.

Além dessas experiências, também efetivamos uma entrevista com trinta e cinco crianças que estudam no período da tarde foram entrevistadas, representando 10% dos alunos. De acordo com as abordagens estatísticas essa porcentagem é uma quantidade significativa que passa credibilidade aos dados da pesquisa. Em relação às técnicas de observação, a experiência foi realizada no período de 28 de abril a 27 de maio de 2008, da seguinte maneira: inicialmente fizemos anotações sobre nossas observações em relação às crianças que visitaram a biblioteca depois de nosso convite, tendo participado desse momento, 193 crianças, perfazendo um total de 51% do total de alunos do turno da tarde. Em todas as nossas visitas à escola, aproveitamos os momentos oportunos para observarmos o comportamento das crianças, a fim de corroborar com a pesquisa.

4 TRATAMENTO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tomando por base a problemática da pesquisa e seus objetivos, passamos ao tratamento dos dados e a discussão dos resultados, levando em consideração a entrevista, as observações e os experimentos feitos com os alunos.

4.1 Entrevista

A entrevista com as crianças não teve apenas como objetivo coletar dados, mas também, estabelecer um vínculo pessoal e interativo com cada uma delas, informando-as, dentro do possível, sobre o objetivo da pesquisa. Seu interesse principal foi conhecer as perspectivas através de suas rotinas, suas vivências e seus interesses. As entrevistas dirigidas foram gravadas em um gravador de som e, não tiveram o resultado esperado, pois os alunos ficaram intimidados. Os que responderam as perguntas, utilizaram respostas monossilábicas e frases diretas que serão demonstradas no decorrer do trabalho. Foram entrevistadas trinta e cinco crianças representando 10% dos alunos matriculados no turno da tarde, na faixa etária de oito a quatorze anos. Dezesete alunos cursavam o terceiro ano, oito o quarto ano e dez o quinto ano do ensino fundamental da rede municipal.

Os dados obtidos nas entrevistas foram estruturados em 3 categorias: a) Caracterização dos participantes; b) Nível, gosto pela leitura e tipos de materiais; e c) Interesse pela construção de conhecimentos.

- a) Caracterização do usuário;

Nosso interesse por esse tema deu-se em razão de estabelecermos uma relação com as demais respostas, a fim de detectarmos suas vivências de leitura dos alunos de acordo com a faixa etária. Os alunos encontram-se na faixa etária de 8 a 14 anos, cursando do terceiro ao quinto ano do ensino fundamental. Ao compararmos a idade com a série identificamos que a maioria deles estão fora de faixa e que o seu nível de compreensão de leitura não condiz com a série cursada.

b) Nível de compreensão, gosto pela leitura e fontes preferidas;

Na entrevista, buscamos saber se os alunos já haviam lido alguma coisa e saber o porquê da leitura escolhida e se lembravam do que falava os textos que haviam lido. Vinte e dois dos entrevistados, ou seja, 62% alunos afirmaram ter lido entre um a três livros. Isso é um dado interessante, posto que sempre as estatísticas sobre leitura no Brasil, apontam que os estudantes, principalmente de Escola Pública não lêem, porém, vêm ao encontro dos estudos de Fernanda Mecking Arantes e Ângela Maria Tomazelli, apresentado no referencial dessa monografia. Em relação ao motivo da escolha desses livros, os alunos afirmaram que tal escolha foi porque acharem legal. Eis aqui, algumas de suas falas: “Sim, figuras”(A I); “Nada não” (A V); “Sim...” (A II); “legal” (A III); “...” (A XXIII) ; “Não, ...” (A XXII); “Tá bom assim” (A XXIII). Estas respostas demonstram a ansiedade do entrevistado em terminar com o “processo doloroso” da entrevista e os “brancos” das respostas representados pelas reticências mostram que o aluno não se sentia confiante em sua resposta e nem íntimo com o entrevistado para poder expressar suas idéias turbulentas. Assim, não foi possível identificar nem o nível de compreensão em relação ao texto lido e, muito menos o gosto pela leitura. Entendemos, que esse fato pode ter ocorrido, por que esses alunos não têm a prática da discussão na qual possam expressar seus interesses. Outro aspecto que pode ter contribuído com essas respostas é a timidez acentuada diante do gravador.

A quantidade dos alunos que disseram nunca ter lido livros é de treze alunos, equivalente a 38% dos entrevistados. Este dado comprova a ausência da leitura mesmo o aluno estando na escola, o que é inadmissível no processo educacional, compreendendo que a leitura é um dos pilares basilares para o aprendizado escolar e a formação do cidadão. As justificativas apontadas pelas crianças dizem respeito a vários aspectos: desde o não

funcionamento da biblioteca até a falta de tempo e a preguiça, conforme suas falas: “ a biblioteca vive fechada” (A - XIV) ; “não, porque não tive tempo” (A - XVIII); “não, ainda não” (A - XIX); “não, porque não” (A - XXI); “não, porque tenho preguiça de ler” (A - XXXIII).

O que chama atenção nessas falas é o fato de terem citado a biblioteca, mesmo que esta se encontre fechada no período diurno. Entendemos que, talvez essa resposta tenha sido em razão das atividades que desenvolvemos na biblioteca durante o período de nossas experiências, o que pode ter despertado nesses alunos o entendimento do que seja a biblioteca. Em que concerne à preguiça, ela pode ter sido apontado pelo fato de que a leitura não está incluída no cotidiano dessas crianças, nem mesmo no ambiente escolar. Ou ainda, porque suas vivências com a leitura somente estão relacionadas às atividades escolares normatizadas, portanto, não têm a prática de escolher o que gostaria de ler. Em relação à falta de tempo, pode ser decorrente de que as crianças tenham que trabalhar, coletar lixo, pedir, vender bombons no sinal, no ônibus, desenvolver atividades em casa etc. Pois, a escola está localizada em um bairro periférico de Fortaleza e, as crianças são bastante carentes. Também, detectamos em nossas observações durante as entrevistas que algumas crianças pareciam não saber ler a palavra escrita, o que explica a sua resposta de nunca ter lido um livro.

Quando perguntamos qual tipo de livros as crianças mais gostavam, se era os livros com figurinhas ou com palavras, 88% preferem somente aqueles com imagem, por serem mais bonitos, mais fáceis de ler, mais inteligente. Como podemos observar nas falas das crianças: “figura, mais legal” (A- XXVI), “figuras, porque acha legal” (A – XVIII), “mais figuras, são bonitos” (A – XVI), “história em quadrinho, mais figuras”; legais (A – XV), “figuras, são mais inteligentes” (A – IV). As afirmações demonstram que o nível de compreensão das imagens é maior do que a decodificação das letras, o que facilita a leitura imagética, despertando-lhes um maior interesse. Em algumas pesquisas já realizadas, inclusive pelo grupo de pesquisas da Faculdade de educação da UFC e também por Fernanda Mecking Arantes e Ângela Maria Tomazelli ficou patente que as leituras de imagens são de grande valia para o incentivo à leitura.

Encontramos também 6% que preferem livros somente com textos verbais e justificam suas respostas: “só palavras. Porque é para ler mesmo, gosto de ler muito.” (A - XIV); “palavras, pois os que tem figuras são chatos, ruim” (A - III). Uma outra criança completou dizendo “Eu prefiro com palavras. O livro é feito para ler”, essa afirmação mostra a falta de compreensão da leitura de imagem, que não é só relatada por essa criança, mas também por educadores e alguns populares que por falta de conhecimento restringem o universo da leitura ao texto verbal, sem levar em conta as outras fontes de leitura, como é o caso da imagem visual, contradizendo o pensamento de Paulo Freire. Também tivemos 6% das crianças que preferem livros ilustrados, porque segunda elas fica mais fácil de ler. Esse questionamento em relação à preferência pelos livros comprovou a teoria estuda que afirma que as imagens atraem as crianças.

Quando perguntamos as crianças se elas queriam que tivessem outras fontes na Biblioteca, 89% responderam que sim, queriam mais livros com figuras e histórias de terror, do Homem Aranha, do Dragão Bol Z, da Barbie, da Emília e outros, histórias em quadrinho, computador, bola, jogos, conforme seus enunciados: “sim, mais livro” (A - II); “sim, livro da Barbie” (A - VII); “sim, computador” (A - III); “sim, livros com desenhos” (A - V); “história em quadrinho” (A - X); “não, tá bom do jeito que ela é” (A - XII); “sim, jogos” (A - XIX); “sim, bola” (A - XXI); “sim, histórias do Dragão Bol Z, Homem Aranha, histórias de terror.” (A - XXXII).

Nota-se nas respostas que as crianças têm necessidade de outros materiais na biblioteca, tanto os tradicionais, como os livros que tratem de histórias que eles já conheçam, de personagens de desenhos animados ao qual eles assistem na TV diariamente, assim como matérias de jogos, como a bola. Seria interessante que as bolas emprestadas na hora do intervalo fossem pegadas na Biblioteca, o que levaria o aluno que se interessa apenas por esportes está frequentando e utilizando-a. Este seria um método para atrair este tipo de usuário esportivo a biblioteca. Os estudos de Nanci Gonçalves da Nóbrega, ratificam a necessidade de que os acervos das bibliotecas escolares devem ser plural. Os demais, 11% das crianças se mostraram satisfeitas com o material da biblioteca e disseram que “tá bom assim” (A - XXIII).

Também nos interessamos em saber quais os livros existentes na biblioteca que as crianças mais gostavam de ler, pois, identificando os livros que elas gostam, ficaria mais fácil de trabalhar o gosto pela leitura nas atividades de biblioteca. Os livros apontados pelas crianças foram, “Emília”, “Cebolinha”, “livros terror”, “histórias em quadrinho”, “gigante” e outros. O que salta aos olhos, é que as crianças apontaram livros tradicionais da literatura infantil “Emília”, talvez isso tenha acontecido, justamente porque os alunos que fizeram essa afirmação estudam a tarde e podem estar assistindo o “Sítio do Pica Pau Amarelo” que é apresentado na TV pela manhã, ou quem sabe, por suas mães fazerem alguma menção sobre esse livro. O que chama atenção em relação ao interesse da leitura de “Cebolinha”, “livros terror” e “gigante”, é que foram apontados somente pelos meninos. Isso pode ser em decorrência de que esses livros e revistas estejam relacionados com travessuras, amizade e curiosidade pelo desconhecido. Como é do conhecimento de muitos na revista Cebolinha, identificamos várias travessuras, molecagens, a paixão com a pessoa que ele mais implica, o que vem ao encontro das aventuras vivenciadas pelos meninos na escola. O “gigante” relata a história de se construir amizades mesmo nas diferenças, o que comprova que para haver uma relação do indivíduo com a leitura é necessário que haja uma relação de afetividade, apontada por Paulo Freire ao longo do referencial dessa pesquisa.

Diante de todas as respostas das crianças e de nossa análise e interpretação, entendemos que a biblioteca escolar precisa ser um espaço aberto, com um acervo rico em diversidades de fontes e suportes de informação e que ofereça atividades que venham, efetivamente contribuir para desenvolver o gosto pela leitura e, desempenhar seu papel de destaque na escola.

c) Interesse pela construção de conhecimentos;

Um dos objetivos de nossa pesquisa é analisar se a contribuição das histórias construídas pelas crianças, a partir de suas fotografias, favorece a inserção da biblioteca escolar no seu cotidiano. Nesse item utilizamos a entrevista e a observação, através das práticas com as crianças na biblioteca. Inicialmente perguntamos aos alunos se eles gostariam de criar suas próprias histórias, a partir das imagens. As respostas foram unânimes que sim, foi apenas essa palavra que nos levou a considerar que todas as crianças demonstram interesse em desenvolver e escrever suas histórias a partir de imagens, no

espaço da biblioteca. Essa etapa da pesquisa tirou a força do mito, ao qual afirma que as crianças são desinteressadas, o que lhes faltam é o incentivo. É preciso conhecer a criança, o usuário para conseguir atraí-lo para o mundo da leitura, para que além de leitores eles possam vim a contribuir com seus escritos na literatura e no universo das imagens através da arte. É válido ressaltar que para ser um bom escritor é preciso primeiramente ser um bom leitor, para que possa vim a compreender a sua escrita, a fim de passar para os demais usuários.

No tópico sobre a observação, será relatada a prática de construção de conhecimento a partir das imagens.

4.2 Observação

A técnica de observação foi realizada em todo decorrer da pesquisa, contudo, nos detalhamos mais, quando de nossas experiências com o uso das imagens. Antes das experiências com as imagens, observamos o interesse das crianças em pegar os documentos emprestados. Com o relato delas, nos propomos a falar com a diretora se poderíamos disponibilizar o acervo. Esse fato iremos relatar no quinto experimento.

A movimentação no momento que a biblioteca estava em funcionamento foi intensa, um aluno chamava outro, que chamava outro, e, assim sucessivamente. O *marketing* foi feito “boca a boca”. A alegria entre eles foi intensa, como constatamos em seus gestos e feições, a novidade mexeu com a imaginação dos alunos e mostrou-lhes um novo mundo. Eles iam a biblioteca porque sentiam vontade e interesse. Não foi preciso conversar com as professoras para explicar o que estava acontecendo, nem pedir a elas que incentivassem os alunos a irem a biblioteca.

Outra observação foi que durante as entrevistas as crianças não sabiam ao certo qual ano estavam cursando, muitas delas afirmaram estar no segundo ano, quando em realidade no período da tarde funciona apenas do terceiro ao quinto ano. Notou-se também

que os alunos pensaram bastante antes de responder a pergunta relacionada à série que cursavam.

Por meio das observações durante a entrevista, fica evidente que os usuários da biblioteca escolar são crianças que anseiam por leitura, por um mundo lúdico encontrado nos livros, ao qual elas caracterizam que “a leitura é legal”, e que os livros com imagens se tornam “mais bonitos e interessantes”. Por mais que os alunos da rede municipal de ensino não saibam ler ou tenham um conhecimento limitado da leitura, eles ficaram instigados a frequentar a biblioteca escolar, a folhear os livros mesmo que de forma tímida e desajeitada.

Como já abordado na metodologia, a biblioteca se mantém fechada no período diurno da escola e, somente foi possível fazermos nossa experiência devido à confiança que a diretora nos depositou, permitindo que abríssemos esse espaço no período da pesquisa. É lamentável que os alunos não possam frequentar a biblioteca escolar devido a vários motivos, como: falta de funcionário mesmo que inapropriados, falta de orientação dos alunos para saberem como se comportar na biblioteca e devido ao desinteresse por parte dos políticos em implantar políticas de leitura nas escolas. É válido salientar que no dia dos Bibliotecários houve discussões cabíveis e plausíveis em relação à situação da leitura no Ceará, o que direcionou alguns deputados a promoverem uma Audiência Pública no Plenário 13 de Maio na Assembléia Legislativa, que contou com a presença de deputados, do Secretário da Cultura, membros do Conselho Regional de Biblioteconomia e da Associação de Bibliotecários, assim como, alunos, professores e interessados no assunto. Espera-se que isso seja um pequeno passo diante de políticas de leitura que estão por vir, a fim de que, os usuários das bibliotecas escolares possam exercer um dos direitos básicos do cidadão, que é o direito de ter um espaço aberto que possibilite o acesso à Informação, e, esse espaço é por natureza a biblioteca, seja escolar, pública ou comunitária.

Durante o período da pesquisa observamos que o interesse das crianças pela biblioteca era muito mais pelas pelos vários livros ilustrados do que por aqueles cujos textos contemplam somente palavras do texto. Dentre os livros escolhidos os mais procurados pelas crianças foram aqueles que possuem mais figuras e mais cores quais sejam “Alegre Primavera” e revistas em quadrinhos. Depois de suas escolhas, eles

contaram as histórias dos livros, os livros que mais gostaram (os mais bonitos, os mais interessantes, os mais legais), por meio das imagens feitas em uma folha de papel. Veja-se a figura 03.



Fig. 03 – Livros abertos sobre a mesa.

Durante nossas visitas de sensibilização, observamos que uma aluna adentrou a biblioteca acompanhada por um colega. Notamos que o interesse desta aluna se voltava para os livros de poesia. Como ela demorava olhando os livros, verificamos que o rapaz que a acompanhava, estava bastante ansioso. No entanto, ao se deparar com as revistas em quadrinho, ele demonstrou interesse por essas fontes, observando-as detalhadamente e, com isso, foi se acalmando. Em seguida perguntou se podíamos emprestar as revistas, respondemos prontamente que sim, desde que ele fizesse seu cadastro, o que também foi aceito. Efetuamos o seu cadastro e, realizamos o empréstimo para ele e para a sua colega que já estava cadastrada. Ambos saíram satisfeitos. Relatamos esse fato, para mostrar que a biblioteca escolar precisa estar atenta aos interesses dos diversos usuários para atraí-los e os incentivar a leitura. Nada melhor do que recorrer ao apelo visual, que como defendem as observações antropológicas tratadas no referencial deste estudo, é uma maneira eficaz de incentivar a leitura, afinal as imagens despertam a curiosidade e a imaginação.

Um outro fato curioso durante a pesquisa foi que um aluno que se encontrava de castigo na anti-sala em frente à diretoria, também estava proibido de entrar na biblioteca.

Devido ao movimento que estava acontecendo lá, ele insistiu tanto, que acabou entrando. Ele sabia ler soletrando, sem fazer grandes interpretações, mas, mesmo assim, estava super interessado e satisfeito por estar naquele espaço que lhe oferecia possibilidades de convivência com os outros colegas. Todos ficavam olhando aquele universo de livros ilustrados no qual ele podia ler visualmente. Este fato nos mostra que a biblioteca pode aproveitar o castigo se transformando em um espaço cultural de saberes e de lazer, ao invés de caracterizá-la como calabouço, afastando assim os seus usuários.

Dentre as crianças observadas, verificamos que poucas sabiam ler realmente a palavra escrita, mesmo que estivessem cursando do terceiro ao quinto ano, as demais apenas soletravam sem fazer grandes interpretações, e outras, nem sequer sabiam ler os signos linguísticos. Durante as visitas à biblioteca os alunos se depararam com dois armários que traziam em suas portas vários recortes de imagens, conforme a figura - 4 . Esses armários chamaram muito a atenção dos alunos que se concentraram nas imagens que estavam expostas e comentavam o que percebiam sobre elas.



Fig. 04 - Armários com recortes de imagens.

Durante a noite, fizemos uma visita à biblioteca para verificarmos o seu funcionamento e os usuários, assim como, seus interesses pela leitura. Diferentemente do turno diurno, no turno da noite, os usuários da biblioteca são constituídos tanto por alunos, como também pelo filhos dos alunos, professores e a comunidade. Constatamos que muitos dos filhos desses alunos são assíduos usuários da biblioteca e ficam lá olhando as imagens contidas nos livros. A maioria delas são crianças na faixa etária de 6 a 8 anos,

demonstraram bastante interesse para ficar nesse espaço e, questionadas sobre isso, afirmam ser “melhor ficar lá do que estar correndo” (A - XXXVI). Fica mais uma vez comprovado o atrativo que a imagem desperta no indivíduo, ficando evidente, também, que a ação da biblioteca escolar não deve se restringir a comunidade da escola, porém, deve atender as famílias, o que vem ao encontro do Manifesto da Unesco.

No meio de todo esse movimento, os professores do turno da tarde, também começaram a freqüentar a biblioteca no turno da noite. Embora, nosso objeto de estudo não contemplasse esse contingente de sujeitos, mesmo assim, eles nos relataram as suas experiências sobre a leitura em sala de aula, as dificuldades e as atividades desenvolvidas para incentivar os alunos a lerem. Alguns relataram ser muito difícil trabalhar a leitura em uma sala lotada de alunos com diferentes níveis de aprendizagem, onde a maioria não sabe ou não se interessa pela leitura. Foram relatadas algumas ações de incentivo a leitura através da contação de histórias em sala de aula e levando seus alunos a biblioteca, mesmo não tendo funcionário.

A visita durante a noite serviu para compreendermos melhor a situação que os alunos se encontravam e para que pudéssemos realizar nossas experiências com os alunos do turno da tarde por intermédio das observações sobre as imagens, conforme as estratégias apresentadas na metodologia. No dia seguinte, abrimos a biblioteca e iniciamos as nossas experiências.

- a) Os alunos tinham de escolher um livro e expressar em forma de desenho ou texto suas impressões sobre o livro;

Essa experiência foi realizada no horário do intervalo. Abordamos alguns alunos que estavam bem agitados e os convidamos para irem à biblioteca. Esse convite fez muito sucesso, um chamava outro, que chamava outro, até que a biblioteca ficou lotada de alunos. Nos apresentamos para aproximadamente trinta e cinco alunos que se encontravam na biblioteca no período do intervalo. É importante salientar que só não tinha mais alunos por falta de espaço. Explicamos sobre a pesquisa e o que eles precisavam fazer para nos ajudar.

Para essa atividade, fomos buscar apoio nos Procedimento de Desenhos-Estórias, criado pelo psicanalista Walter Trinca no início da década de 70. Esse pesquisador mostra que essa técnica é voltada, originalmente “para a investigação clínica da personalidade, requer que o sujeito realize uma série de desenhos livres, sendo cada qual um estímulo para que conte uma história, associada livremente, logo após a realização de cada desenho”.(TRINCA, 1976 apud MARTINS, 2006, P.205). Esclarecemos que, embora nosso intuito na pesquisa não diga respeito a investigações clínicas de personalidade, ainda assim, consideramos que ela é fundamental para o desenrolar de nossas vivências.

Espalhamos estrategicamente sobre a mesa, vários livros, abertos e fechados, ilustrados ou não. Outros livros deveriam ser escolhidos entre aqueles que se encontravam organizados na estante. Pedimos aos alunos que escolhessem, livremente um livro, observando-o com atenção para que em seguida emitisse a sua opinião sobre o que este livre lhe despertara, podendo expressar-se tanto através do texto escrito ou da imagem (desenho). A turma se dividiu entre as mesas e estantes, contudo, todos pegaram livros ilustrados. As doze revistinhas que se encontravam no acervo foram todas escolhidas. Essa atitude demonstra o interesse que as crianças têm por histórias em quadrinho.

Quando os alunos estavam caminhando pela biblioteca e ao serem solicitados a escolher um livro, concentraram suas escolhas naqueles que continham ilustrações na capa. Ao relatarem o motivo de terem preferido livros com imagens, explicaram afirmando: “é muito inteligente” (A - XXXVII); “porque a pessoa sabe o que tá lendo e porque aprende” (A - XXXVIII). O apelo visual mostrou-se uma grande estratégia de *marketing* devido ao impacto que causa nos usuários, os apelos persuasivos utilizados pelos editores e que desperta o interesse dos leitores. Durante as observações foi detectado que as meninas se interessavam por livros que contemplam a cor rosa (“Meu Diário”, histórias de princesa, “Barbie”), já o interesse dos meninos foi por livros com capa escura (no caso dos mitos e lendas) e que continham desenhos relacionados ao futebol (“O dono da bola” e “Uma história de futebol”). As crianças do quarto e quinto anos demonstraram interesse em histórias em quadrinhos.

As figuras cinco e seis apresentam as histórias construídas pelas crianças. Nelas fica evidente que as crianças reproduziram as imagens dos livros. Isso pode ser decorrente de que as crianças não tem o habito do exercício da criatividade, fato bastante presente no espaço escolar onde já é do senso comum os trabalhos de “pescópia”. A figura cinco foi produzido por uma criança de treze anos do quarto ano, retirado do livro “Caderno de Segredos”, e que é o mais procurado pelas meninas para fazerem empréstimo. O sexto desenho é de uma criança de oito anos que está cursando o quarto ano, o livro escolhido por ela foi “Alegre Primavera”, o livro mais consultado e disputado por todas as crianças, independente de sexo, idade, e série.



Fig. 05 – Desenho reproduzido por uma aluna sobre o livro Caderno de Segredos.



Fig. 06 – Desenho reproduzido por uma aluna sobre o livro Alegre Primavera.

Os outros desenhos também demonstram certa criatividade dos alunos, pois embora tragam implícita a reprodução dos livros e revistas escolhidos, as crianças se expressaram melhor, conforme mostrado na figura sete.



Fig. 07 – Desenhos da Revista em Quadrinho e do livro “Uma floresta que virou cidade.”

Os desenhos da figura sete mostram a relação que os alunos fizeram com o ambiente familiar, conseguiram expressar suas vivências. O primeiro desenho foi feito por uma criança de 10 anos do quinto ano, que escolheu a revista da turma da Mônica com o título Cebolinha, a mesma fez um desenho que não tinha nada a ver com a história e sim com o seu ambiente familiar, porém colocou o título da revistinha sobre o seu desenho. O segundo desenho foi produzido por uma criança de 10 anos do quinto ano, retirada do livro “Uma floresta que virou cidade”, o desenho representou muito bem do que se tratava a história, comprovando que além das imagens contidas no livro, a criança também o leu, tendo uma melhor compreensão da história. O interessante foi que a criança contou o que havia absorvido do texto, despertando o interesse de outras crianças a ler o mesmo livro que ela havia escolhido.

Outros alunos escolheram o livro “uma história do futebol” e construíram seus desenhos contemplando a história tratada no livro. (Figura 08)

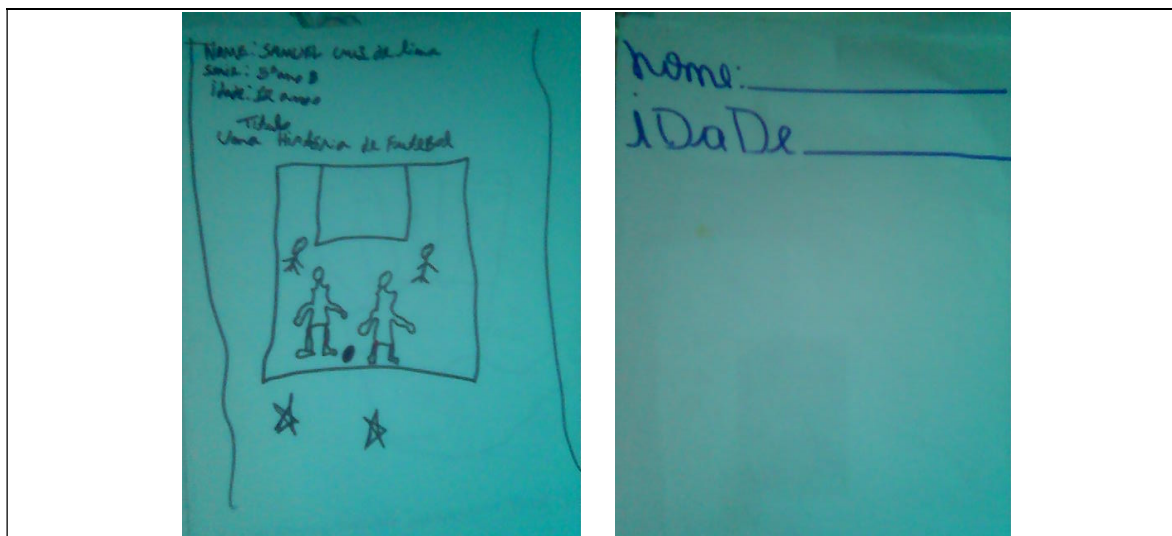


Fig. 08 – desenhos de alunos sobre o livro Uma História de Futebol.

A figura oito mostra o interesse da criança pelo futebol, como é o gosto da maioria dos meninos da escola, o primeiro desenho foi produzido por um menino de doze anos, cursando o quinto ano. Já o segundo, demonstra que esse aluno não conseguiu produzir em tempo ágil (durante o intervalo) os seus desenhos, pois passou muito tempo para pensar, no que poderia desenhar, e acabara entregando a folha em branco, só com o espaço para colocar o nome e a idade, conforme pedimos quando explicamos o nosso intento, é lamentável que nem o nome foi colocado. Outra observação que pode ser feita é que o aluno pode realmente não saber ler e nem escrever seu nome, fato que se verifica bastante em escolas públicas.

Muitas crianças fugiram totalmente dos livros que estavam observando e passaram a desenhar corações apaixonados, como mostra o desenho à figura nove, produzida por uma menina de onze anos do quarto ano. Ao dialogarmos com essa aluna detectamos o interesse por livros de poesias, que continham frases de amor. O que já aflora o gosto pela leitura desse gênero.



Fig. 09 – Desenho do livro Olívia Pirulito .

Depois do intervalo e das experiências feitas com as crianças escolhidas aleatoriamente, resolvemos trabalhar com crianças que tinham dificuldades em sala de aula, para verificar se o resultado ao menos se aproximaria dos demais. Assim, falamos com a professora para encolher dez alunos da terceira série D, (cinco meninas já observadas na segunda observação e cinco alunos com mais dificuldades, ambos de nove a treze anos), mais dez alunos do quarto ano, que foram por vontade própria.

Os alunos escolheram os livros na estante, sem nenhum tipo de indução, todos optaram por livros com bastante imagem, incluindo as revistinhas em quadrinho, os alunos afirmaram escolher essas fontes, “por serem mais legal”, “mais bonito” e “mais interessantes”, “é bom de ver porque aprende mais”, “gosto de ler porque o livro é bom”.

Após os livros escolhidos, fizemos a mesma experiência do grupo anterior, pedindo a eles que desenhassem ou escrevessem seus relatos sobre as impressões referentes às suas escolhas. Dezenove crianças optaram por desenhar e uma escreveu o que achou do livro, todas as informações tinham ligações com o perfil do aluno, do que eles mais gostavam, como o desenho de uma aluna de onze anos de idade, cursando o quarto ano. Ela escolheu o livro “Um amigo diferente” ela desenhou pirulito colorido, sorvete, urso sorrindo e uma bola colorida. Observa-se que ela utilizou bastante cores para expressar o fascínio pelas imagens e por coisas que ela gosta, como mostra a figura dez.



Fig. 10 – Desenho do livro Caderno de Segredos.

O livro “ Caderno de segredos” também foi bastante disputado pelas meninas, talvez pela a cor rosa da capa assim como de suas páginas, ou ainda devido a palavra “segredo” fazer parte do título e, assim, despertar a curiosidade, principalmente, em razão de sua faixa etária. As meninas logo se interessaram em pedir o livro emprestado para ler. Dentre os desenhos feitos pelos alunos identificamos que: a natureza foi bem representada, árvores e pássaros; os desenhos de histórias em quadrinhos foram representados; pichação, bonecos fumando, feito por alunos que chegaram e decidiram desenhar sem pegar nenhum livro; representação do amor pela professora, gratidão por estar na biblioteca, coração; histórias do Monteiro Lobato, desenhos do Visconde e da Narizinho, palhaços e casas.

No terceiro momento da mesma experiência, utilizamos a mesma dinâmica. Vieram à biblioteca setenta e oito alunos diferentes horários (no intervalo, no horário da aula e após as aulas). Os resultados mostram que nos dois momentos anteriores o interesse das crianças foi o mesmo. Ambas apontaram o gosto pelos livros ilustrados e pelas revistas em quadrinhos. Outro fator descoberto durante as observações foi à cópia e que depois dos experimentos todos os alunos queriam levar os livros para casa para ler. Vejam-se o gráfico do resultado geral com as duas turmas:

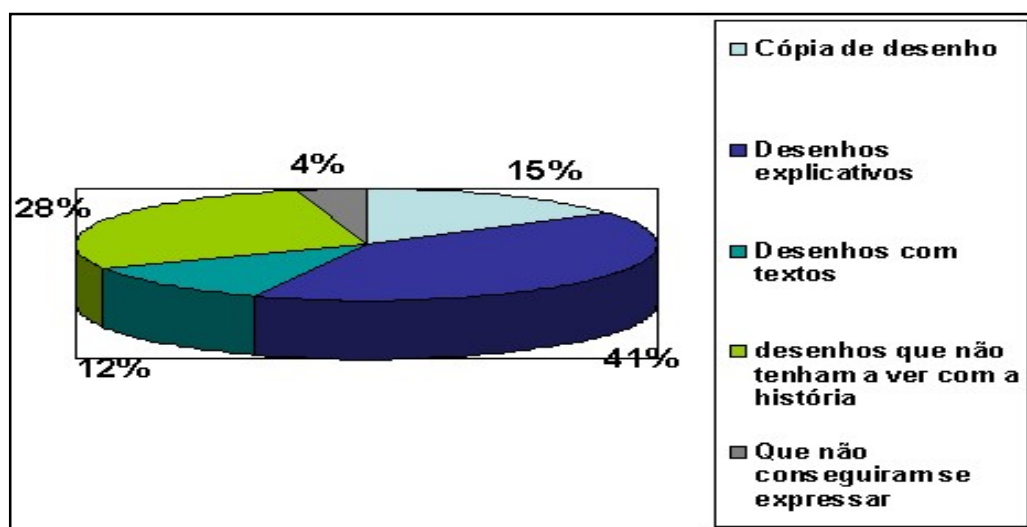


Fig. 11 – Gráfico relacionado ao resultado dos tipos de desenhos de alunos em 2008.

O gráfico nos ilustra o nível da liberdade de expressão das crianças, o seu entendimento e compreensão. Os dados obtidos através dos desenhos das crianças nos mostram a realidade a qual estão inseridas e o nível de desenvolvimento de ensino aprendizagem desses alunos em relação a leitura deixa a desejar e, pode ser um reflexo do sistema educacional da rede municipal de ensino. Outro fator que chama a atenção nos resultados dessa pesquisa é constatarmos que 41% das crianças conseguiram fazer algum desenho explicativo, enquanto que 59% desses alunos se centraram em outras atividades. Isso é um dado, de certa forma, assustador, em se tratando de crianças “alfabetizadas”, cursando entre o terceiro e o quinto ano. Do total de 59%, 28% das crianças fizeram desenhos que não tinham nada a ver com os livros, como por exemplo, casas, coração e declarações de amor, demonstrando que os alunos estão vivendo suas primeiras relações amorosas, “o primeiro amor” e que estão ligadas com o ambiente familiar, percebemos esse fato quando fizeram desenhos de casas e coração. 15% fizeram apenas copiar os desenhos que acharam mais bonitos, mostrando que a cópia vai além das palavras, incluindo os desenhos, alertando mais uma vez para o aprisionamento do conhecimento, ou seja, o não saber se expressar. 12% fizeram desenhos e escreveram alguma frase, como o título do livro, ou uma declaração de amor. 4% não conseguiram se expressar de forma nenhuma, o máximo que conseguiram foi colocar o nome e ficar pensando no que poderia escrever. Isso

tudo, vem comprovar que nas atividades da escola, o uso de imagens para trabalhar a leitura não está sendo contemplado e também podemos entender que atividades contemplando o estímulo a expressão não estão sendo realizadas. Portanto, ressaltamos a importância de se desenvolver atividades com imagens que ajudem as crianças a se expressarem, e a terem opção de escolha, seja na biblioteca ou na sociedade.

Diante desses fatos, ainda é possível inferir que a dificuldade de se ir até a biblioteca é não saber o que se vai fazer lá, qual o livro que irá pegar emprestado, ou simplesmente folhear. É através da expressão que o sujeito consegue identificar e saber o que é de seu interesse, é o tornar-se um indivíduo pensante, crítico e atuante. Essa afirmação foi comprovada através da observação sistemática.

b) Através de recortes relacionados às histórias do Sítio do Pica Pau Amarelo;

A escolha dessa estratégia deu-se em razão de observamos durante as visitas dos alunos na biblioteca, um grande interesse por parte dos mesmos em histórias do Monteiro Lobato sobre o Sítio do Pica Pau Amarelo. Fizemos recortes com imagens da turma do Sítio colocamos esses recortes sobre a mesa e solicitamos aos alunos que construíssem histórias sobre esses recortes e que ficassem livres para fazer o que quisessem (desenhar, escrever e colar os recortes). As crianças adoraram a atividade e as desenvolveram com prazer. O interessante foi que 30% delas não conseguiu se identificar com os recortes e preferiram desenhar livremente. Aqueles que utilizaram os recortes tentaram produzir algumas histórias, montando as imagens de qualquer jeito, muitas vezes sem uma ordem cronológica, todavia, todos que fizeram as colagens para contar uma história, fizeram relações com seu cotidiano. Quer dizer, optaram pelas figuras que representavam amizade, alimentação, as brincadeiras do cotidiano, como pode ser visto na figura XXII:



Fig. 12 - Colagem das crianças.

Algumas crianças colaram os recortes e produziram um pequeno texto relatando o que perceberam da imagem conforme a figura XXIII:



Fig. 13 - História feitas de recortes.

A figura treze nos mostra as atividades desenvolvidas com colagem. A primeira imagem foi produzida por um menino de 9 anos do quarto ano, ele escreveu ao lado da figura o seguinte texto: “o rabicho é o porco ele ta muito orelhodo. Á Emilia é uma boneca”. O texto relata que a criança já tinha um pré-conhecimento sobre os recortes, facilitando a sua produção textual. A imagem seguinte mostra que a criança se preocupou em dar um título a sua história, ficando evidente que o aluno sabe como construir um texto.

A figura abaixo mostra que além da colagem, a criança se propôs a desenhar um ambiente para compor a imagem, o que pode ser indicio de entendimento de que uma imagem não é um texto isolado, porém, que se estrutura através de vários outros textos.

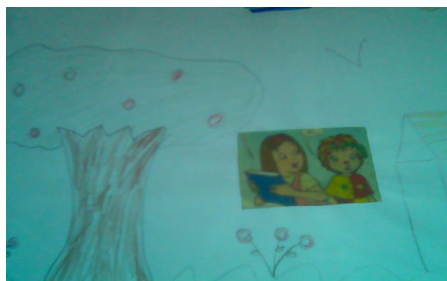


Fig. 14 – História-desenho feita de recortes.

Durante essa experiência, uma professora não chegou na hora da aula, então os alunos foram à biblioteca por conta própria. Chegando lá, demos os recortes a eles explicando-lhes o que estamos querendo que fosse feito. Eles se interessaram tanto pela atividade concentrando-se de tal forma que nos surpreendeu, afinal, fomos alertados desde o início da pesquisa, com relação ao mau comportamento dos alunos. No entanto, como pode ser observado na imagem XV, os alunos demonstraram empenho ao desenvolver as atividades propostas, comportando-se educadamente. Após, quiseram levar livros emprestados, porém, não foi possível, pois, não tínhamos autorização da diretora, o que foi lamentável.



Fig. 15 – Foto das crianças produzindo suas histórias-desenho.

Na experiência, também observamos, o fato da imagem visual instigar aos alunos a lerem e freqüentar a biblioteca escolar para buscar a leitura e informações diversas. O

material imagético (livros, revistas em quadrinhos, recortes e fotografias) utilizados no projeto foi relacionado a temas familiares aos participantes, pois, segundo Paulo Freire (1985, p.36), “quando os alunos lêem imagens relacionadas com o seu cotidiano, eles podem desenvolver imaginação e criar discussões, críticas e alfabetização com a consciência crítica”.

c) Desenhos livres seguidos de narração sobre os desenhos;

Essa estratégia não estava prevista no projeto, porém, quatro meninos, após jogarem futebol foram para biblioteca, chegando lá suados, ofegantes e dizendo que queriam desenhar na biblioteca, e perguntando se poderiam fazer “pichações” nas folhas em branco. Permitimos a liberdade de expressão deles, deixando-os à-vontade. Durante as “pichações” pedimos que nos explicassem sobre o que estavam fazendo. Entramos no mundo deles, falando sobre as siglas das pichações que conhecíamos. Eles ficaram empolgados quando começamos falar sobre o mundo deles, foi quando passaram a relatar sobre as suas vidas. Esses relatos nos levaram a compreensão dos desenhos feitos por eles e de outros alunos que já havíamos observado. Nos contaram histórias surpreendentes da realidade das crianças da periferia que quando ficam ociosos, algumas se tornam malandras, alcoólatras e ladrões. Não é a realidade de todos, mas, de um número que vem crescendo. Uma criança de doze anos contou-nos suas experiências como pichador, a arte de fugir dos policiais, de subir nos muros para pichar, das vezes que foi preso na DCA - Delegacia da Criança e do Adolescente, de abusos sexuais sofridos por parte de policiais. Com este relato compreendemos que suas vivências o impediam de criar outros desenhos diante da realidade a qual estavam inseridos. A imagem visual se encontra bastante presente na vida deles, pois é através delas que conseguem se expressar e aparecer perante a sociedade. Veja na figura XVI algumas das pichações feitas pelas crianças:



Fig. 16 – Pichações produzidas pelos alunos.

Na figura, percebemos que a criança aproveitou todo o espaço do papel para poder se expressar, inclusive, podemos observar que ele colocou o nome da pesquisadora (Lusiana) que estava a dialogar com ele. Ao discriminar a pichação na vivência de uma criança que tem essa atividade como *hobby*, é apenas uma forma de discriminação e de exclusão da criança em relação as demais. De acordo com o experimento, o ideal seria entrar no mundo ao qual a criança está inserida para compreendê-la e poder ajudá-la. Como foi o que aconteceu na biblioteca, após as atividades desenvolvidas com as crianças “problemáticas”.

Das quatro crianças consideradas problemáticas pela escola, devido aos pequenos delitos praticados e ao desinteresse na sala de aula, três pegaram livros ilustrados e revistas em quadrinhos emprestados. Um aluno que assinava a pichação com o nome Dodô encontrou no acervo um livro com o título “Dodô” escrito por Ziraldo, ficou fascinado pelas ilustrações dos livros, mas ficou tímido ao pegar para empréstimo, devido o livro conter apenas imagens de “bunda”, mas devido se sentir a vontade na biblioteca levou o livro. A cada observação percebemos a importância das imagens no incentivo a leitura dos alunos, independente do seu nível em sala de aula.

PARAMOS AQUI

A figura XVII foi tirada após o experimento com as crianças .



Fig. 17 – Foto dos alunos que participaram do experimento.

d) Criação de histórias a partir de fotografias (levadas pelo pesquisador e pelos próprios alunos).

- Foto do Pesquisador:

Durante o momento do intervalo, período de grande movimento na biblioteca, levei dois álbuns com fotografias minhas para as crianças verem, e disse que quem quisessem escrever uma história sobre uma foto podia, dentre quinze a vinte alunos, somente três optaram fazer uma história.

Essa experiência não funcionou como o pretendido, pois as crianças começaram a me questionar o que significavam as fotos, e acabaram não produzindo histórias sobre elas, devido ao curto período do intervalo. Apenas três crianças conseguiram produzir textos frasais sobre as fotografias escolhidas por elas mesmas, podemos considerar textos inteligentes, pois tiveram significados e relação com as imagens. As crianças também desenvolveram alguns desenhos relacionados às fotografias. As fotografias escolhidas pelas alunas, foram relacionadas ao balé. Esse experimento despertou a curiosidade e o questionamento das crianças, o que foi válido para desenvolver a percepção e o raciocínio dos mesmos. Foi lamentável o curto período para estas observações.

- Fotos dos próprios alunos:

Solicitamos aos alunos em um momento anterior que trouxessem suas fotos, a fim de que pudéssemos utilizá-las para construirmos histórias. A proposta foi aceita, no dia do

experimento dez crianças trabalharam na confecção das suas próprias histórias. Durante a construção das histórias, podemos observar nas feições das crianças, o entusiasmo na realização da atividade, principalmente quando explicamos que eles eram os autores e personagens do texto a ser escrito.

Essa atividade comprovou que ao trabalhar com informações (fotografias) relacionadas com a vivência das crianças, as idéias fluíram com mais facilidade (comprovadas a partir da agilidade) e coerência (significado dos signos), despertando o interesse dos alunos para a compreensão, não só dos fatos vivenciados nos experimentos, mas também, dos demais fatos na escola e na sociedade. Como podemos observar nas produções feitas pelas crianças na biblioteca na figura XVIII.



Fig. 18 – História da fotografia.

As imagens comprovam que quando a criança tem algum conhecimento prévio com o fato a ser descrito, o aluno tem uma maior segurança em se expressar, facilitando a compreensão dos seus interesses, ajudando ao bibliotecário a atender o usuário da melhor forma na biblioteca.

Na figura dezenove o aluno de nove anos ao qual está cursando o quarto ano, escreveu a seguinte história a partir de sua fotografia: “ Este menino é o menino e o menor capião já fes 1000 gool e jogo com o Cafu e já ta perto de ir para copa mundial do Brasil e ele tinha 4 anos e agora tem 9 anos.” (A – XXIX). Este trabalho nos chamou atenção devido ao aluno ter usado sua criatividade, através da invenção com a realidade, formando

uma história que representa seu sonho e suas experiências intrínsecas com o futebol representada na imagem a seguir.



Fig. 19 – História da fotografia.

As fotos a seguir mostram o momento ao qual as crianças estavam a produzir suas histórias a partir das fotografias trazidas por eles mesmos. Na figura vinte as crianças utilizaram o desenho para expressar sua história, complementando assim, o texto verbal. Como observamos que alguns dos alunos desenharam uma borda em torno da fotografia, expressando os seus sentimentos em relação à imagem.



Fig. 20 – fotos de crianças ao produzirem suas história a partir de fotografias.

e) Empréstimo de livros para verificar o gosto pela leitura, ao devolver os livros para biblioteca os alunos foram questionados sobre as histórias que leram e o que eles acharam da experiência.

O interesse pelo empréstimo surgiu por parte dos alunos, ao qual nos solicitaram que disponibilizássemos o acervo para empréstimo. Falamos com a diretora que nos permitiu que emprestássemos os documentos, desde que tivéssemos o controle sobre os empréstimos. Falei com minha irmã Luciana Lourenço para nos ajudar a cadastrar os alunos e efetuar os empréstimos, já que a procura era grande por parte dos alunos.

O primeiro dia de empréstimo foi um sucesso total, o cadastro e o empréstimo ocorreram no período do intervalo, correspondendo há quinze minutos acrescidos de cinco minutos de tolerância. Nesse período de vinte minutos, eu e minha irmã cadastramos trinta e sete alunos e emprestamos sessenta livros. Cada criança cadastrada levou de um a três livros.

A imagem XXI relata o momento que as crianças estavam se cadastrando manualmente na biblioteca para pegarem livros emprestados.



Fig. 21 – Fotos do momento do cadastro dos alunos na Biblioteca.

Dos livros emprestados observamos que os livros mais procurados foram às revistas em quadrinhos, ao qual foram todas emprestadas, os livros ilustrados, alguns livros didáticos para pesquisa. Os pré-adolescentes procuram para empréstimo livros que continham versos e histórias curtas com algumas imagens ilustrativas, demonstrando já terem um início pelo gosto da leitura.

A partir do sucesso do primeiro dia de empréstimo, os dias seguintes não ficaram a desejar, todos os dias novos alunos vinha se cadastrar, em média trinta alunos por dias e sessenta livros emprestados, lembrando que 90% dos alunos que pegaram livros emprestados devolveram os livros antes da data, ou na data marcada. O mais interessante é que ao devolver os livros, as crianças relataram do que se tratava a história e como fizeram para ler. As que não sabiam ler pediram aos pais e aos irmãos para lerem, alguns levaram livros para os irmãos lerem e outros leram por conta própria. A narração dos livros lidos despertou o interesse de outras crianças lerem o mesmo. Muitas vezes quando uma criança ia devolver o livro ia acompanhada de outra que estava interessada em fazer o empréstimo do livro narrado pela amiguinha.

Ao ver as crianças com livros na sala de aula, ao notarem o atraso dos mesmos, as “tias” se interessaram em saber o motivo e a razão desse atraso. Não compreendendo o que se passava, foram conferir, fazendo uma visita à biblioteca, na hora do intervalo, questionando sobre o que tinha de tão bom lá. Em um segundo momento, durante a aula algumas professoras vieram conversar conosco sobre os livros que os alunos estavam pegando emprestado, queriam saber se as crianças realmente estavam lendo, pois notaram alguns alunos que não sabiam ler e outros desinteressados em sala de aula, com livros em mãos. Tivemos que explicar a metodologia que estávamos adotando para que elas compreendessem como conseguimos alcançar as crianças com dificuldade e desinteresse na aprendizagem. Nossa tática também chamou a atenção de algumas professoras que, passaram a pegar livros emprestados para trabalhar em sala de aula, pois, os alunos estavam interessados na leitura e nas histórias.

É lamentável que esse fato ocorreu apenas em duas semanas, pois devido aos nossos afazeres não tínhamos como estar prestando esse trabalho voluntário tão maravilhoso na escola e o colégio não tinha como disponibilizar ninguém que ficasse na biblioteca. Sugerimos para as crianças irem a biblioteca no período da noite, mas muitas afirmaram não poderem ir, devido morar longe do colégio.

Espera-se que com os projetos que estão sendo desenvolvidos sobre leitura, esses possam chegar logo a biblioteca escolar, para suprir a necessidade dessas crianças tão carente por leitura.

5 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

O desenvolvimento da pesquisa se caracterizou por um processo árduo e prazeroso, onde foram atribulados a vários fatores: vida acadêmica, familiar, amigos, namorado e ao meu eu interior em conjunto com as vivências da orientadora Virgínia Bentes.

A pesquisa realmente não é uma situação fácil de se lhe dar, é abdicação do seu eu para viver e respirar a monografia, viver para alcançar um objetivo, ou seja, o resultado. Minhas amigas chegaram a me questionar se existe vida após a monografia, devido ao nível de estresse que o indivíduo chega, principalmente devido às dificuldades e a ausência de tempo. Posso afirmar que em momento algum deixei a monografia em segundo plano, para justificar a ausência de tempo, mas o fato é que desenvolvemos vários experimentos que

necessitaram ser analisados. Todavia, a análise necessita de tempo e cautela, o que considero como a maior das dificuldades em uma pesquisa exploratória. Mas, nem só de dificuldades se vive uma monografia, em cada descoberto uma realização, em cada constatação uma satisfação e ao final uma contribuição a mais para sociedade, para o conhecimento da civilização.

Nas descobertas, podemos derrubar mitos, como foi o caso de observamos que o discurso que criança não gosta de ler e que os alunos da escola municipal não têm o gosto pela leitura é um mito, de acordo com os experimentos realizados, onde, a partir do primeiro contato com os alunos da rede municipal, foram detectados o interesse e a curiosidade pela leitura, seja ela letrada ou visual.

Durante a pesquisa bibliográfica observamos um número considerável de pesquisas relacionadas à utilização da imagem na aprendizagem, tanto de crianças como de jovens e adultos. Como exemplo, podemos citar os livros didáticos, que já estão utilizando as imagens visuais para ajudar na interpretação dos textos e na compreensão das informações, porém, pouco se tem feito em relação ao incentivo da leitura com o uso da imagem visual em bibliotecas escolares da rede municipal de ensino, devido ao diversos fatores relacionados no decorrer da monografia.

Percebemos que os estudantes ao interagirem com as imagens na Biblioteca Escolar se sentiram mais familiarizados com o espaço. Muitos por terem dificuldades na leitura, ou por não saberem ler, não encontravam motivos para entrar na biblioteca, pois se sentiam inferior aos demais. Durante a primeira entrevista com um grupo de alunos, pudemos notar o constrangimento dos que não sabiam ler, devido aos que tinha um pouco mais de conhecimento zombar dos não letrados. Precisamos intervir e explicar que todos sabiam ler, pois a imagem também é uma forma de leitura. Foi através desse acontecimento que as crianças que tinham receio com a biblioteca e a leitura se sentiram seguras para entrarem na biblioteca e pegar livros emprestados, lembrando que, todas as crianças entrevistadas afirmaram quererem freqüentar a biblioteca se esta lhes oferece material iconográfico.

As imagens visuais também provaram servirem no desenvolvimento do raciocínio, da liberdade de expressão e da escrita. Os experimentos realizados com os alunos do terceiro ao quinto ano, de forma aleatória, envolvendo alunos com diversos níveis de desenvolvimento em sala de aula e aos problemáticos (expulsos de classe), após a liberdade de expressão através de desenhos (letras, pichações e imagens), foi possível despertar o interesse deles por algum tipo de fonte, como exemplo: um aluno problemático em sala de aula por falta de comportamento e interesse no aprendizado, conhecido por todos os funcionários da escola por suas desobediências e pichações, ao entrar na biblioteca escolar e poder expressar sem nenhum tipo de oposição o que ele sabia fazer de melhor (pichar), sentiu-se atraído pelo espaço e acabou escolhendo um livro para pegar emprestado. Ao analisar o desenho feito pelo mesmo e o livro escolhido escrito por Ziraldo, observei que o título do livro era o nome da assinatura da pichação (Dodo). Percebe-se que um livro para atrair o leitor é necessário que aja alguma relação, para isso é necessária a impressão do usuário estar no momento da escolha. Foi o que aconteceu com todos os alunos antes de escolherem um livro pela primeira vez na biblioteca. Diante de diversos livros as crianças ficaram fascinadas e as imagens produzidas por elas ajudaram na escolha dos livros. É importante salientar que a idéia de se pegar livros emprestados partiu dos alunos, pois devido à biblioteca não ter funcionário à mesma não podia desenvolver as atividades necessárias. Sensibilizei-me com a causa e pedi permissão à diretora que autorizou imediatamente, como foi citado na metodologia. Esse fato ajudou bastante na pesquisa mesmo não estando no projeto, pois pude constatar e comprovar a necessidade das crianças pelo funcionamento da biblioteca escolar. Foram emprestados livros paradidáticos e didáticos utilizados nas pesquisas dos alunos.

As professoras ao perceberem o movimento dos alunos em sala de aula com livros ficaram estigadas em saber o que estava acontecendo e foram até a biblioteca em busca da informação. A reação de surpresa no semblante das professoras era evidente. Elas não compreendiam como alunos que não sabiam ler, que tinham dificuldade na leitura ou que não demonstravam interesse pela leitura estavam pegando livros emprestados. Expliquei para as professoras a utilização das imagens no incentivo à leitura na biblioteca. Em primeira instância, além da surpresa, aprovaram a atitude. A cada contribuição vivenciada podemos perceber a valia dos esforços para a realização da pesquisa e seus

escritos, principalmente quando após uma semana do término da pesquisa de campo, voltamos à escola para fazermos uma visita a e recolher dos alunos os livros que haviam pegue emprestado, fomos surpreendidas ao perceber como os alunos estavam super felizes e nos contaram que as professoras estavam levando os livros da biblioteca para sala de aula, e que estava sendo muito bom, mas que eles queriam também que a biblioteca continuasse aberta todos os dias. Ao passar nas salas de aula, as professoras nos explicaram que pegaram alguns livros, que os alunos haviam pegue na biblioteca, para contarem histórias em sala de aula devido ao pedido dos alunos. Constatamos que a pesquisa corroborou com o ensino pedagógico da escola, o que nos deixou muito satisfeita.

Esta pesquisa foi de bastante proveito para responder nossas indagações, curiosidades, desmistificação de mitos, assim como ter contribuído por algumas semanas no desenvolvimento do mundo lúdico das crianças e que vem desaparecendo devido à falta de oportunidade e das responsabilidades que a vida impõe desde cedo, e a cada criança ao qual foi despertado o gosto pela leitura, crianças estas, marginalizadas e abandonadas pelo sistema excludente.

A falta do funcionamento e do desenvolvimento das atividades intrínsecas da biblioteca escolar nas escolas da rede municipal de ensino comprova o descaso com a educação no Brasil. Mitos são postos para justificar a realidade atual, projetos sérios são ignorados, não por falta de dinheiro, mas por falta de compromisso dos governantes.

Os alunos gostam sim de ler, precisam apenas de um incentivo visual, apelativo as suas necessidades, aos seus conhecimentos natos, para fazerem suas ligações e se tornarem cidadãos críticos e construtores de um país menos desigual.

Nos primórdios as imagens foram utilizadas no registro da história e na transmissão de conhecimento. Agora que nos encontramos na Era da Informação precisamos utilizar as imagens visuais, ao qual comprovamos serem incentivadoras da leitura, para despertar o gosto pela leitura nas bibliotecas escolares.

Em relação à contribuição da pesquisa entendemos que ela possa ser de grande valia para os Bibliotecários de biblioteca escolar, Educadores, Professores, Pesquisadores e interessados pelo assunto. No que diz respeito à continuidade do estudo, temos interesse de aprofundá-lo em um mestrado na área de Ciências da Informação ou na educação.

REFERÊNCIA

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997.

ARANTES, Fernanda Mecking; TOMAZELLI, Ângela Maria. **Criança de Periferia não lê: desmistificação**. São Paulo: Ensaios APB, n 11, 1994.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS. NBR 6023 – **Informação e Documentação**: referência: elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 24p.

_____. NBR 10520 – **Informação e Documentação**: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002. 7p.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1998.

BARONE, Rosa Elisa M; CORRÊA, Mara Lúcia Alves Leitão; Maria Alice Peixoto. **Imagem**: documento e informação. Rio de Janeiro, 2005.

BARONE, Rosa Elisa M. **Educação de jovens e adultos**: um tema recorrente. Aracaju: UNIT, 2006.

BARROS, Moreno. **Imagem e popularização**: a questão dos estereótipos entre os profissionais da Biblioteconomia. Rio de Janeiro, 2005.

BELMIRO, Célia Abicalil. **A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de português**. 2005.

BIONDO, Graciela González. **Etnografia, a nova pesquisa de mercado**. Revista HSM Management Informação e Conhecimento para Gestão Empresarial, [s.l.], ano 10, v. 1, n. 60, p. 120-124, jan./ fev. 2007. Edição especial.

BRUNETTI, M. Isabel Santoro e Silva. **Biblioteconomia brasileira**: um problema dos bibliotecários. Curitiba: 1979.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam**: a leitura da imagem e o ensino da arte. São Paulo: EDUC, 2002.

CALIXTO, J. A. A Biblioteca Escolar e a Sociedade da Informação. Lisboa: Caminho, 2000

CARRAHER, Terezinha Nunes. **Aprender pensando**: contribuições da psicologia cognitiva para educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CARVALHO, Ana Maria Sá de. **A biblioteca na escola**. Fortaleza: Senai, 1984.

CHIBLI, Faoze. Patinho Feio. **Revista Educação**. São Paulo, ano 9, n 99, p.36-45, jul. 2005.

COSTA, Fabíola Cirimbelle Búrigo e CAMPOS, Neide Palaez de. **Artes visuais e escola: para aprender e ensinar com imagens**. Florianópolis: NUP/ CED/ UFSC, 2003.

DEBRAY, Regis. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DELACOURS-LINS, Sylvie. O que não dá para falar, dá para desenhar: linguagem implícita nos desenhos dos aprendizes leitores. in: _____. **Linguagens, Literatura e Escola**. Fortaleza: UFC, 2006. Coleção Diálogos Intempestivos, cap. 11, p. 213-231.

DONIS, A. **Sintaxe da linguagem visual**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Sedução da imagem, dilemas de cultura: a pose. **Revista de História e estudos Culturais**. Vol. 3, Ano III, nº 3. Rio de Janeiro: Fênix, 2006.

FRAISSE, Emmanuel; POMPOUGNAC, Jean-Claude; POULAIN, Martine.

Representações e imagens da leitura. Paris: Ática, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p. (Coleção leitura).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

IFLA/UNESCO. **Manifesto da Unesco para as Bibliotecas Escolares**. Versão original. School Library Manifest. Disponível em < <http://ifla.org/VII/s11/pubs/manifest.htm>>. Acesso em 10 jan. 2008.

JAMESON, Fredric; GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida. **Espaço e imagem**: teorias do pós-moderno e outros ensaios. 2. ed. Rio de Janeiro. Ed. Da UFRJ, 1995.

JOLY, Martine; APPENZELLER, Marina. **Introdução a análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

KATO, Many Aizawa. **A Concepção da escrita pela criança**. Campinas, SP: Pontes, 1988.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética**. Coleção Primeiros Passos. 25ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). **Imagens e ciências sociais**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1997.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a Biblioteca Escolar**: um programa de atividades para o ensino fundamental. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KULCSÀR JR, JOÃO. **O Uso da Fotografia Como Ferramenta de Alfabetização Visual em Comunidades de São Paulo**. [s.n]: São Paulo, 2007.

LOURENÇO FILHO, M. B. **O ensino e a biblioteca**: 1ª conferência da série educação e biblioteca. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

MARTINS, Isabel; GOUVÊA, Guaracira; PICCINI, Cláudia. Aprendendo com imagens. **Cienc. Cult. Vol. 57. nº 4**. São Paulo: 2005.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história**. Interfaces. **I Simpósio Internacional de Comunicação e Informação da Universidade Federal Fluminense**. São Carlos: Imprensa, 1997.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MILANESI, Luis. **A casa da invenção**: biblioteca centro de cultura. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ateliê, 2003.

MONTENEGRO, Gildo A. . Pensamento visual e inteligência. **Revista Escola de Minas**. Vol. 54 nº 1. Ouro Preto: Scielo, 2001.

MOREIRA, Luziana Lourenço; LIMA, Gláucio Barreto de; SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos. A Semente do projeto Novo Vestibular – PNV: a atuação da biblioteca escolar em um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará. **Anais do XXIX ENEBD**. Salvador: [s.n.] 2006.

NEIVA JÚNIOR, Eduardo. **A imagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

NOBREGA, Nanci Gonçalves da. De livros e bibliotecas como memória do mundo: dinamização do acervo. **Pensar a leitura**: complexidade. São Paulo: Loyola, 2002. p.120-135.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates; INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO (BRASIL). **O bibliotecário e sua auto-imagem**. São Paulo: Liv. Pioneiro. Ed. 1993. [Brasília]: INL.

PERROTI, Edimir. Biblioteca não é depósito de livros, **Revista Nova Escola**. São Paulo: Editora Abril, junho/julho 2006. p. 24-26.

PIAGET, Jean. **A Formação do símbolo na criança**: imitação, jogo, imagem e representatividade. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahai, 1975.

PINTO, Virginia Bentes; MEUNIER, Jean-Guy. Las imágenes visuales: nuevo nicho para la construcción de bibliotecas digitales. **4º Simpósio Internacional de Bibliotecas Digitales**. Málaga: BUMA, 2006.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso...** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SALES, Fernanda de. O ambiente escolar e atuação bibliotecária: o olhar da educação e o olhar da biblioteconomia. **Revista Eletrônica Ciência da Informação**. Florianópolis, n. 18, 2º semestre 2004. Disponível em: <http://www.encontrosibli.ufsc.br/Edição_18/3_o_ambiente_escolar.pdf>. Acesso em: 25/08/06

SANTAELLA, Lúcia Noth Winsried. **Os três paradigmas da imagem**. In: Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminismo, 1999.

SILVA, Márcio Assumpção Pereira da. Memória e fotografia: um estudo sobre informações visuais em São Carlos. **I Simpósio Internacional de Comunicação e Informação da Universidade Federal Fluminense**. São Carlos: Imprensa, 1997.

SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: 1995.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. ed. 14 reimp. São Paulo: Atlas, 2006.

VALENTIM, Marta Ligia Pomim.(Org.). **O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000.

APÊNDICE A – Entrevista

- 1 Qual a série que está você estudando e quantos anos você tem?
 - 2 Você já leu algum livro? Quantos? Porque leu esse(s) livro(s)?
 - 3 Que tipo de livro você gostaria de ler, os que têm somente palavras ou aqueles que possuem figuras? Porquê?
 - 4 Você gostaria que tivesse outros materiais para você ler na Biblioteca? Quais?
 - 5 O que você gosta mais de ler na Biblioteca?
 - 6 Se tivesse histórias em quadrinhos, livros com figurinhas, exposições e fotografias, vocês vinham a Biblioteca?
 - 7 Vocês gostariam de fazer seus próprios livros, contar suas próprias histórias, com desenhos, pinturas, figuras e fotografias?
-

Transcrição das entrevistas_ ALUNO I ao XXXV

ALUNO - I

1. 3º _ 8 anos
 2. não
 3. figuras, mais legal
 4. sim, figuras
 5. nada
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - II

1. 3º _ 9 anos
 2. sim, Emília
 3. figuras, mais bonito
 4. sim, mais livro
 5. história do Sítio do Pica pau amarelo
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - III

1. 3º _ 10 anos
2. sim, ???, legal
3. palavras, pois os que tem figuras são chatos, ruim
4. sim, computador
5. livros
6. sim

7. sim

ALUNO - IV

1. 3º _ 10 anos
 2. sim, dois. Porque é legal
 3. figuras, são mais inteligentes
 4. sim, computador
 5. livros com muitas figuras
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - V

1. 3º - 8 anos
 2. não
 3. figuras, mais bonito
 4. sim, livros com desenhos
 5. gosto só de ver os desenhos
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - VI

1. 5º -
 2. sim, 3, porque é legal
 3. figuras e palavras, inteligente
 4. sim, mais livros
 5. Meus primeiros versos
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - VII

1. 5º
 2. sim
 3. imagem, porque sabe o que ta lendo
 4. sim, livro da Barbie
 5. livros coloridos
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - VIII

1. 5º

2. não
 3. imagem
 4. sim, computador
 5. -
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - IX

1. 5º
 2. não
 3. imagem
 4. sim, futsal
 5. -
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - X

1. 5º
 2. sim
 3. imagem
 4. história em quadrinho
 5. Cebolinha
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XI

1. 5º
 2. sim
 3. imagem, porque aprende mais
 4. sim, história em quadrinho
 5. livro
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XII

1. 5º
2. não
3. imagem
4. sim, história em quadrinho
5. -
6. sim

7. sim

ALUNO - XII

1. 3º D _ 10 anos
 2. sim, dois, porque é legal
 3. imagem e texto, legal, livros com figuras , porque é mais fácil de ler
 4. não, ta bom do jeito que ela é.
 5. de livros? Sítio do Pica pau amarelo
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XIV

1. 4º D _ 13 anos
 2. sim, cinco, por que achei legal.
 3. só palavras. Porque é para ler mesmo, gosto de ler muito.
 4. sim, história em quadrinho,quadrinhos, poucas palavras, legais.
 5. história em quadrinho, sítio do pica pau amarelo
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XV

1. 4º D _ 14 anos
 2. sim, dois, legal.
 3. história em quadrinho, mais figuras. Legais.
 4. quadrinhos, mais livros.
 5. história em quadrinho,
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XVI

1. 4º D _ 13 anos
 2. sim, dois, legais
 3. mais figuras, são bonitos
 4. sim, mais livros, da barbie, índio, três porquinhos
 5. três porquinhos, e da Emília
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XVII

1. 4º C _ 8 anos

2. sim, três, achou legal, tinha figuras, gravuras e muitas palavras
 3. figuras, porque acha legal
 4. sim, revista
 5. livros que tenham gravuras
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XVIII

1. 4ª - 9 anos
 2. não, porque não tive tempo
 3. figuras, porque acho legal
 4. sim, quadros, fotos.
 5. -
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XIX

1. 3ª - 8 anos
 2. não, ainda não
 3. figura
 4. sim, jogos
 5. monte de livro que tem figura
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XX

1. 3ª - 8 anos
 2. não, ...
 3. figura
 4. sim, mais livros
 5. que tem figura
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXI

1. 3ª - 8 anos
2. não, porque não
3. figura
4. sim, bola
5. que tem história
6. sim

7. sim

ALUNO - XXII

1. 3^a - 9 anos
 2. não
 3. figura
 4. sim, quadros
 5. que tem desenhos
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXIII

1. 3^a - 10 anos
 2. sim, um, legal.
 3. figura
 4. não, ta bom assim
 5. ...
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXIV

1. 3^a - 8 anos
2. sim, um, minha irmã me ensinou.
3. figura
4. sim, nada não
5. muita figura
6. sim
7. sim

ALUNO - XXV

1. 3^a - 9 anos
 2. sim, um, do gigante
 3. figura
 4. sim, ...
 5. o do gigante
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXVI

1. 3^a - 8 anos
2. sim, dois, interessante
3. figura, mais legal

4. sim, mais livro
 5. que tem história
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXVII

1. 3ª - 8 anos
 2. sim, dois, porque é muito bom
 3. que tem figuras
 4. sim, bola
 5. história do gigante
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXVIII

1. 3ª - 8 anos
 2. sim, dois, legal
 3. poesia, porque é mais bom
 4. sim, ...
 5. poesia
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXIX

1. 3ª - 9 anos
 2. sim, três, bom
 3. figuras
 4. sim, ...
 5. homem aranha
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXX

1. 4ª - 9 anos
 2. sim, três, legal
 3. figuras
 4. sim, ...
 5. história
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXXI

1. 4ª - 10 anos
 2. sim, um, inteligente
 3. figuras, porque tem história
 4. sim, ...
 5. livros
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXXII

1. 4ª - 11 anos
 2. sim, não lembro, porque é bom
 3. figuras, mais fácil de ler
 4. sim, histórias do Dragão Bol Z, Homem Aranha, histórias de terror.
 5. histórias de terror
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXXIII

1. 5ª - 12 anos
 2. não, porque tenho preguiça de ler
 3. figuras
 4. tá bom assim
 5. nada não
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXXIV

1. 5ª - 13 anos
 2. não, a biblioteca vive fechada
 3. figuras e letras
 4. que ficasse aberta, pois este colégio só incentiva esporte, ele devia era incentivar era a leitura, no lugar de ficar só correndo no recreio, caindo e não aprendendo nada.
 5. ver os livros e lê os mais interessantes
 6. sim
 7. sim
-

ALUNO - XXXV

1. 5ª - 12 anos
2. não

3. figuras
 4. história em quadrinho
 5. história em quadrinho
 6. sim
 7. sim
-

Observações

alunos que freqüentam a escola no turno da tarde: **378**

alunos entrevistados: **35** alunos que representa **10%** dos alunos do período da tarde.

3ª = 17 alunos

4ª = 8 alunos

5ª = 10 alunos

Idade = 8 à 14 anos